

PIBIC

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica

*Externo  
Aprovado nos aspectos  
Interno  
sem avaliação final  
Prevaleceu  
parecer externo  
contar com 2  
pareceres*

**TROPEIRO: O EMPREENDEDOR DESCONHECIDO E O HERÓI  
INEXPLORADO NO IMAGINÁRIO SOCIAL BRASILEIRO**

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Roseli Morena Porto

Aluno: Adilon Vítor Alves de Aquino Garcia

São Paulo

Junho

2010

## SUMÁRIO

Introdução .....	3
Capítulo 1 – Referencial Teórico.....	7
1.1 - O “Sentido” do Brasil e a Matriz Interpretativa Clássica.....	7
1.2 - As tendências revisionistas.....	10
1.3 – A Construção de Narrativas e o Mito do Herói .....	15
1.4 – Caracterização do Empreendedor .....	17
1.5 - O Movimento Tropeirista e a Figura do Tropeiro.....	21
Capítulo 2 – Procedimentos Metodológicos.....	26
Capítulo 3 – Comparação das Características .....	28
3.1 - Empreendedor x Tropeiro .....	28
3.2 - Herói x Tropeiro.....	32
Capítulo 4 – Análise dos Casos .....	34
4.1 - Conde Francisco Matarazzo .....	34
4.2 - Barão de Iguape.....	40
4.3 - Análise Comparativa dos Casos.....	43
Considerações Finais .....	46
Referências .....	48
Glossário.....	50
Bibliografia identificada.....	51

## Lista de Quadros

Quadro 1: Características do Empreendedor .....	19
Quadro 2: O Trabalho do Empreendedor e seus Requisitos.....	19
Quadro 3: Comparação Características Empreendedores e Tropeiros .....	31
Quadro 4: Comparação Atividades e Características Empreendedores e Tropeiros.....	31
Quadro 5: Aplicação dos Conceitos Empreendedores aos Tropeiros.....	31
Quadro 6: Características Heróis de Identificadas nos Estudos Tropeiros..	33

## Introdução

Durante os séculos XVIII, XIX até meados do XX foram as mulas, conduzidas pelos tropeiros, que integraram o Brasil e permitiram a existência de uma economia nacional que se completava. Muito do que se pensa sobre “Brasil” nos dias de hoje, possui suas raízes nos cascos das mulas sertanejas:

Quando no Brasil ainda não havia caminho de ferro nem estrada de rodagem; quando o carro de bois, gemendo nos cocões, era o veículo preferido para o transporte de cargas em terreno pouco acidentado; quando os caminhos nada mais eram do que os espaços naturais entre as árvores ou não passavam das trilhas abertas pelos carregadores humanos e pelas patas da gadaria; quando uma população escassa pulverizava-se numa base física de imensas proporções; quando os núcleos de ocupação se perdiam na vastidão da hinterlândia brasileira, foi a tropa de muares, silenciosa e heróica, varando sertões, atravessando ravinas, rasgando matas, vadeando rios, galgando paredões escarpados, equilibrando-se em abruptos declives, que assegurou – assegurou e manteve – a circulação de produtos e de mercadorias, canalizando vida e civilização para os grupos humanos que se haviam enfiado no Brasil adentro! (JOB, 1999, p. 17)

Referências Bibliográficas.

Todavia, a percepção da magnitude e importância do movimento tropeiro é muitas vezes apagada por diferentes maneiras de interpretar o funcionamento do Brasil Colônia.

A matriz interpretativa de Prado Júnior (2004) e Furtado (2005) é aquela baseada na economia agroexportadora de *plantation* (mão de obra escrava, latifúndio e a exportação da produção voltada para atender às necessidades da metrópole). A partir dessa maneira de pensar o Brasil, entende-se a economia nacional como sendo unicamente aquela que dava sentido material para a colônia, a agroexportadora.

Todavia, estudos mais recentes apontam para uma economia do dito “sertão brasileiro”, cujos frutos não iam para o além-mar, mas subsidiavam e dava estabilidade à agroexportação, uma vez que permitia suportar a variação dos preços das *commodities* no mercado internacional.

Por outro lado, observa-se que, nos livros didáticos usados no Ensino Fundamental, o personagem presente no imaginário do Herói Brasileiro é “O Bandeirante”, inexistindo a referência à importância do movimento tropeiro. Analisando o movimento das “Entradas e Bandeiras” percebe-se uma distorção histórica muito grande, uma vez que os objetivos dos bandeirantes estavam restritos à exploração e retirada extrativista sem deixar nada. Isso é oposto à caracterização do Herói Schumpeteriano que, ao introduzir inovações e modificações para o meio em que está inscrito, promove o crescimento econômico e o desenvolvimento social. Que herói seria este Bandeirante que apenas explora e nada agrega à terra explorada? —

Do século XIX até meados do XX a integração nacional se deu sob os lombos das mulas. Os condutores destas mulas, os tropeiros, construíram estradas, cidades e permitiram a existência da significativa economia subsidiária interna cujos resultados permaneciam em solo brasileiro - uma vez que ligava o sertão (base dessa “segunda” economia) ao litoral. É importante ressaltar que esta integração não era apenas na parte de transporte e logística, mas também de todo o fluxo de informações, costumes, culturas e o meio de todas as transformações e desenvolvimento social.

As criações e inovações trazidas pelos tropeiros revolucionaram os ciclos econômicos de que participaram: a cana-de-açúcar não mais era transportada nos lombos de índios e negros, mas sim das mulas - isso significou grande redução nos custos de produção; a abertura de estradas por todo sertão foi fundamental para o crescimento econômico do Brasil; entre outros. O tropeiro participou, de fato, de toda a formação e desenvolvimento do Brasil.

salto fomentico

A conclusão do *Global Entrepreneurship Monitor*<sup>1</sup> foi que empreendedorismo é o principal fator promotor do desenvolvimento econômico de um país. Joseph Alois Schumpeter<sup>2</sup> (1934 apud DOLABELA, 2006) associa o empreendedor ao desenvolvimento econômico, à inovação e ao aproveitamento de oportunidades em negócios.

---

<sup>1</sup> Este evento foi baseado na pesquisa da *Kauffman Foundation, the Babson College of Boston and the London Business School*, a partir de pesquisas realizadas no Canadá, na França, Reino Unido, Alemanha, Itália, Japão, EUA, Dinamarca, Finlândia e Israel.

<sup>2</sup> SCHUMPETER, J. A. *The Theory of economic development*, Harvard University Press, Cambridge, 1934

Conclui-se, portanto, que o movimento tropeirista integrou, inovou, revolucionou e desenvolveu a economia brasileira. Dito isto, relacionar os conceitos de empreendedorismo para o movimento tropeiro é de fácil observação. *Conclusões precipitadas!*

Por fim, dois pontos fazem de interessante menção: o primeiro é que a trajetória do “homem tropeiro” assemelha-se ao conceito de Herói/empreendedor; o segundo é compreender o motivo pelo desaparecimento, nas narrativas sobre empreendedores brasileiros, a condição de tropeiro (quando existente). */texto.*

Este trabalho possui dois objetivos principais. O primeiro é a averiguação da cerne empreendedora existente no movimento tropeiro, bem como as características de empreendedorismo existentes no movimento tropeiro. O segundo é analisar os casos de empreendedores que vieram a obter sucesso no meio empresarial e que iniciaram seus negócios ou formação como tropeiros.

Como metodologia de pesquisa, *tempo verbal* trata-se uma pesquisa de cunho qualitativo-exploratório que utilizará, como embasamento teórico, as obras clássicas constituintes da matriz interpretativa clássica do Brasil, bem como as recentes obras contrastando a análise das primeiras, livros que exploram a caracterização de empreendedorismo e as narrativas sobre os mitos do herói e materiais produzidos sobre o movimento tropeiro. Para complementar a análise, utilizar-se-á de dois estudos de caso de personagens ilustres na historiografia administrativo-empreendedora brasileira: Conde Francisco Matarazzo e o Barão Antonio da Silva Prado, o Barão de Iguape.

O primeiro caso, Conde Francisco Matarazzo, tem como plano de fundo a personagem cuja importância para o cenário econômico brasileiro só é comparável à que teve Visconde de Mauá no século anterior, tendo sido um dos maiores marcos na modernização do país. O segundo caso, Barão de Iguape, trata do “primeiro Prado” que iniciou a trajetória da família que representaria o auge do Ciclo do Café brasileiro.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. O primeiro, o Referencial teórico, apresenta o trabalho realizado durante o primeiro semestre da pesquisa apresenta os estudos relacionados ao sentido do Brasil na época colonial, a matriz interpretativa clássica e as tendências revisionistas, a construção de narrativas e o mito do herói, a caracterização de empreendedor e a figura do tropeiro. O segundo

capítulo descreve os procedimentos metodológicos, constituídos de uma comparação das características do empreendedor, do herói e do tropeiro (capítulo 3) e a análise dos casos do Conde Francisco Matarazzo e Barão de Iguape (capítulo 4). As considerações finais encerram o relatório. Para auxiliar o entendimento dos textos citados foi elaborado um glossário com os termos específicos da linguagem tropeirista. Adicionalmente à lista de referências, foram mantidas em separado ao final do relatório, outras obras relacionadas ao tema e que podem ser utilizadas em futuros trabalhos.

## Capítulo 1 – Referencial Teórico

### 1.1 - O “Sentido” do Brasil e a Matriz Interpretativa Clássica

Caio Prado Júnior (2004) inicia a obra *Formação do Brasil Contemporâneo* (2004) <sup>Referências</sup> discorrendo sobre o “Sentido da Colonização”. Nesta conceituação, o autor define o sentido como a “evolução (da colônia), o que houve nela de fundamental e permanente”. Entende-se, portanto “sentido” como o próprio nome indica, a orientação, o objetivo sob o qual a colônia estava construída, ou seja, sua base produtiva que articula o funcionamento de um país de fronteiras continentais. Nas palavras do próprio autor: “Todo povo tem na sua evolução vista à distancia, um certo ‘sentido’. Este se percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem num largo período de tempo”. (PRADO JR., 2004, p. 17) | Reged

A matriz interpretativa clássica sobre o “sentido da colônia” é resultado do estudo pioneiro feito por Prado Jr. (2004) que concluiu “[...] tudo mais que nela existe [a economia interna], e que alias é de pouca monta, será subsidiário e destinado unicamente a aparar e tornar possível a realização daquele fim especial [fornecer gêneros tropicais ao comercio europeu].” (PRADO JR., 2004, p. 119). Complementando as conseqüências desta maneira de enxergar o Brasil colônia, Chaves (1999) argumenta que “[...] Por si mesmo, o fato de ser o Brasil uma colônia e estar política e economicamente vinculado à metrópole suprime, pela lógica, qualquer dinamismo interno.” (CHAVES, 1999, p. 25)

Um bom resumo da visão de Prado Jr. (2004) é apresentada por Garcia (2006), no seguinte trecho:

*Formação do Brasil Contemporâneo* (...), uma síntese magistral da existência material da colônia, (...), cuja razão era a produção em larga escala para o mercado externo e o embasamento no trabalho escravo (...). Trata-se de uma economia que se organiza em função do “outro” e que, segundo o autor, propicia a desacumulação. Tem-se, assim, um sentido colonial que transforma essa economia em economia complementar, que

pauperiza e explora a terra, ao retirar toda sua riqueza e enviá-la para fora. [...] (GARCIA, 2006, p. 12)

Prado Jr. (2004) embasa sua análise na economia agroexportadora e esta, por sua vez, estava, segundo o autor, construída sobre a economia de *plantation*, resultado da combinação de mão-de-obra escrava, com grandes propriedades (latifúndio) e com a produção destinada ao mercado externo. Esta caracterização do autor pode ser observada nos recortes abaixo:

[...] o caráter que tomará a exploração agrária nos trópicos. Esta se realizará em larga escala, isto é, em grandes unidades produtoras fazendas, engenhos, plantações (as *plantations* das colônias inglesas) - que reúnem cada qual um número avultado de trabalhadores. Em outras palavras, para cada proprietário (fazendeiro, senhor ou plantador), haveria muitos trabalhadores subordinados e sem propriedade. (PRADO Jr., 2004, p. 27)

[esses três elementos (grande propriedade, monocultura e trabalho escravo)] se conjugam num sistema típico, a grande exploração rural [e constituem] a célula fundamental da economia agrária brasileira. Como constituirá também a base principal em que se assenta toda a estrutura do país, econômica e social. (PRADO JR., 2004, p. 122-123)

Também é Prado Jr. (2004) que começa a disseminar a conceituação de colônias de povoamento (tipicamente as treze colônias que dariam origem aos Estados Unidos da América) e colônias de exploração (tipicamente as colônias portuguesas e espanholas) como resultado dos diferentes “sentidos da colônia” que a expansão marítima europeia trouxe, conforma apresentado no trecho a seguir:

Como se vê, as colônias tropicais tomaram um rumo inteiramente diverso do de suas irmãs da zona temperada. [...] uma sociedade à semelhança do modelo e origem europeus; nos trópicos, pelo contrário, surgirá um tipo de sociedade inteiramente original. Não será a simples feitoria comercial [...]. Mas conservará no entanto um acentuado caráter mercantil; [...]. Há um ajustamento entre os tradicionais objetivos mercantis que assinalam o início da expansão ultramarina da Europa, e que são conservados, e as novas condições que se realizará a empresa. Aqueles objetivos, que vemos passar para o segundo plano nas colônias temperadas, se manterão aqui, e marcarão profundamente a feição das colônias do nosso tipo, ditando-lhes o destino. No seu conjunto e vista no plano mundial e internacional, a colonização dos trópicos toma o aspecto de vasta empresa comercial, mais completa que a antiga feitoria, mas sempre com o mesmo caráter que ela, destinada a **explorar os recursos naturais** de um território virgem **em proveito do comércio europeu. É esse o verdadeiro sentido da colonização tropical**, de que o Brasil é uma das resultantes [...]. (PRADO JR., 2004, p. 29)

É importante ressaltar que Prado Jr. (2004) não titubeia em definir o verdadeiro sentido da colonização brasileira como sendo o de explorar os recursos naturais disponíveis em proveito do comércio europeu e “nada mais que isso”:

[...] Se vamos à essência da nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes; depois, algodão, e em seguida café, para o comércio europeu. Nada mais que isto. É com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daquele comércio, que se organizarão a sociedade e a economia brasileiras. Tudo se disporá naquele sentido: a estrutura, bem como as atividades do país. (PRADO JR., 2004, p. 30)

Não obstante, pode-se resumir o entendimento do autor em relação à economia interna com o seguinte recorte:

Além destas atividades fundamentais - fundamentais porque representam a base em que assenta a vida da colônia, e constituem mesmo a razão de sua existência -, poderíamos acrescentar outras como a pecuária, certas produções agrícolas, em suma aquelas atividades que não têm por objeto o comércio externo [...]. Mas não podemos colocá-las no mesmo plano, pois pertencem a outra categoria, [...] de segunda ordem. Trata-se de atividades subsidiárias destinadas a amparar e tornar possível a realização das primeiras. Não têm vida própria, autônoma, mas acompanham aquelas, a que se agregam como simples dependências. (PRADO JR., 2004, p.124)

Percebe-se claramente o entendimento, segundo esta perspectiva, das atividades econômicas internas da colônia como sendo subsidiárias para o funcionamento da *plantation* e “nada mais que isso”. Foi a construção desta matriz interpretativa que se iniciou com *Evolução Política do Brasil* (obra datada de 1933), teve a maior expressão com *Formação do Brasil Contemporâneo* (obra de 1942), ambas de Caio Prado Jr., e que serviu de base para obras clássicas do pensamento brasileiro como *Formação Econômica do Brasil* (escrita em 1959), de autoria de Celso Furtado. Em sua obra Celso Furtado apresenta os conceitos de “setor exportador” e “setor de subsistência” que dão, de certa forma, continuidade à matriz interpretativa de Caio Prado Jr.. A historiadora Cláudia Maria das Graças Chaves, demonstra claramente a posição de Celso Furtado, comparando-a com Caio Prado Júnior:

Em Celso Furtado, vamos encontrar a mesma posição negativa [de Prado Jr.] com relação ao mercado interno. Sua análise em *Formação Econômica do Brasil* privilegia as relações comerciais entre a colônia e a metrópole. Seria melhor dizer que o autor considera insignificante o mercado interno [...]

[...] Celso Furtado, assim como Caio Prado Júnior, prioriza a estrutura macroeconômica, na qual a colônia compõe um momento do desenvolvimento do Brasil. Seria possível dizer que o predomínio da ênfase nas relações comerciais externas (colônia/metrópole) deveu-se ao fato de a colônia representar a causa do desenvolvimento tardio. Isto é, neste quadro a colônia representaria, por sua própria natureza dependente, um apêndice da metrópole, sendo irrelevante seu desenvolvimento endógeno. (CHAVES, 1999, p. 27-28)

Tem-se então, a consolidação de uma matriz interpretativa que resume a economia interna do Brasil à “segunda ordem” e como representando “pouca monta”. É esta mesma maneira de entender o funcionamento do país a partir de influências externas (visto que o sentido estava em atender às necessidades da metrópole) que se cristalizou no entendimento e estudo do Brasil. No entanto, estudos mais recentes apontam para novas interpretações que mostram uma economia interna dinâmica, que dava plena sustentação à agroexportadora (suportando as oscilações dos preços no mercado internacional) e, em muitos momentos de nossa história, foi pujante e de grande monta, conforme destaca Chaves (1999):

[...] era exatamente a existência de um mercado interno sustentado em formas não-capitalistas de produção e de acumulações endógenas [...] que permitiam uma certa autonomia frente às flutuações externas [...] (CHAVES, 1999, p. 32)

## **1.2 - As tendências revisionistas**

No final da década de 70 e início da década de 80, vários trabalhos foram publicados abordando a temática do mercado interno. Pode-se citar, principalmente, os trabalhos de Maria Yedda Linhares (1979), Alcir Lenharo (1979) e Kátia M. Q. Mattoso (1978) que se “encarregaram de demonstrar a forte presença de relações de troca e sua significação para o desenvolvimento da colônia” (CHAVES, 1999, p. 32). Adicionalmente, surge a necessidade de avaliar as especificidades do mercado interno brasileiro, as diversas modalidades em cada região e sua integração com a sociedade

local. A autora analisa a economia interna de Minas Gerais no século XVIII partindo do funcionamento da economia mineira no período em questão e depara-se com incongruências em relação à matriz interpretativa clássica:

[...] Este período [século XVIII], tradicionalmente conhecido como um período de decadência econômica, corresponde, na realidade, a uma fase de maior diversificação comercial a partir da crise na produção aurífera e uma consolidação de atividades produtivas destinadas ao comércio de abastecimento. Nas primeiras décadas do século XIX, a província mineira se tornou um dos principais centros abastecedores da região centro-sul, com uma economia altamente diversificada e voltada para o mercado interno.[...] (CHAVES, 1999, p. 19)

Assim apresentam-se claramente as novas interpretações para o contexto analisado, inferindo que “A insistência em se retomar e criticar os “modelos explicativos” justifica-se menos pela revitalização da pesquisa, por meio do debate histórico, do que pela necessidade de se afirmar a existência de uma economia colonial endógena, geradora de um mercado interno.” (CHAVES, 1999, p. 25). A autora continua a análise, afirmando que:

A partir de meados da década de 70, no entanto, iniciam-se as reações às proposições tradicionais. A colônia ganha destaque e passa a ser objeto de análise, ganhando vida própria. Esse destaque propulsiona um debate em que as opiniões se dividem entre aquele que afirmam o caráter agroexportador, predominante na colônia, e aqueles que acreditam ser impossível a própria reprodução “do antigo sistema colonial” sem a existência de uma economia nativa – isto é, a agroexportação não teria capacidade para se reproduzir se não tivesse como suporte um mercado interno de abastecimento. Os primeiros minimizam ou ignoram a possibilidade de uma economia endógena. Já os últimos centram o debate na esfera da produção (...). A partir deste momento multiplicam-se os estudos de base que colaboraram para a defesa dessa última tese, alterando definitivamente o “sentido da colonização” e os rumos da história colonial.” (CHAVES, 1999, p. 25)

Frigo (1992) cuja pesquisa corrobora para novas diretrizes de análise do Brasil Colônia apresenta resultados fundamentais para o embasamento teórico aqui necessário, “[Frigo] parte do sistema agrário escravista-exportador para estudar a economia e a sociedade colonial, passando a entender a agroexportação como resultado do processo de reprodução de um sistema econômico mais amplo e complexo.” (CHAVES, 1999, p. 32). Para entender a articulação desenhada por Frigo, deve-se compreender que:

A hipótese do autor [João L. R. Fragoso] é que mesmo durante estas distintas conjunturas econômicas internacionais, a economia interna se mantém estabilizada, ainda que seja prioritariamente agroexportadora. A razão desta estabilidade é o desempenho do mercado interno, que se encontra em franca expansão. A circulação dos produtos coloniais no mercado interno, tendo em vista as dificuldades experimentadas pela agroexportação, tornou possível uma acumulação endógena, a qual minimizou os impactos da recessão. Assim, no mercado interno dar-se-iam a acumulação e parte da reprodução da agroexportação devido às relações sociais de produção que o constitui – o escravismo e o campesinato – ou seja, esse mercado possui uma natureza não-capitalista. (CHAVES, 1999, p. 32)

João L. R. Fragoso diz que introduzir a questão do mercado interno significa compreender a economia colonial como uma formação econômica e social. Pensando este mercado em relação ao mercado internacional, Fragoso assim o caracteriza: a reprodução da agroexportação passa a se processar, parcialmente, no interior de um mercado interno, cujo plano de fundo são formas não capitalistas de produção, que fornecem mercadorias com “preços baixos monetários”; a interação, no mercado interno, dos processos de reprodução do escravismo colonial, ou seja, viabilizava a existência de acumulações endógenas; essas acumulações, em teses, possibilitavam que parte da reprodução da economia colonial fosse controlada no seu próprio interior – que se traduzia na constituição de elites econômicas residentes; [...]. (CHAVES, 1999, p. 41)

Nas próprias palavras de Fragoso (1992):

Por sua vez, as formas de produção não-capitalistas [...] podiam estar ligadas entre si e com a agricultura escravista exportadora. Essas ligações, além de apontarem para a existência de um mercado interno de caráter pré-capitalista, podiam influir nas próprias condições de reprodução da agroexportação escravista, já que parte dos insumos e alimentos desta última eram produzidos em condições não-capitalistas. (FRAGOSO, 1992, p. 132)

O estudo feito por Garcia (2006) questiona o fato de que a matriz interpretativa clássica mostra-se incapaz de explicar mudanças substanciais como “o crescimento populacional (do grande contingente de migrantes e imigrantes em direção às minas, para citar apenas um exemplo) e das conseqüentes transformações que o acompanha, como a formação de um mercado interno voltado para necessidades internas?” (GARCIA, 2006, p. 12). E continua: “Esse mercado vai ganhando mais e mais importância até se transformar em parte significativa da economia e não mais em mero apêndice da atividade agroexportadora.” (GARCIA, 2006, p. 13). Em outro

recorte, afirma: “[...] em um dado momento, poderia existir uma economia interna com um grau de rentabilidade maior do que a externa [...]” (GARCIA, 2006, p. 30).

João Luís Fragoso (1992 apud GARCIA 2006) mostra, assim como demonstrado na análise de Cláudia Maria das Graças Chaves, “claramente o sentido de acumulação interna que se dava na colônia.” (GARCIA, 2006, p. 13). Segundo a autora, estudos recentes como o de Fragoso vem apontando que, “ao se fixar na extroversão do sentido colonial, deixa-se de captar, sob a alegação de tratar-se de um “cipoal de incidentes secundários” (PRADO JR., 2004, p.19), uma estrutura complementar que adquiriu importância inaudita.” (GARCIA, 2006, p.30). A autora destaca que:

Ao se centrar na idéia de que as atividades subsidiárias, complementares, existiam apenas como fenômenos das atividades centrais, não se torna possível compreender a dinâmica do mundo colonial: um mundo onde os homens enriqueceram e onde se deu o processo de acumulação interna. É do conhecimento geral que grande parte da riqueza produzida na colônia era destinada ao exterior, mas é preciso considerar a pujança das “atividades subsidiárias”, que **muitas vezes assumiram o papel principal na economia colonial.** (GARCIA, 2006, p. 13)

No entanto, apesar da relevância comprovada da economia interna em relação à externa, o que predomina na análise historiográfica brasileira é a vinculação à dimensão externa “que fixa uma leitura exata sobre a colonização em que relação passado-presente-futuro está posta de modo que, ao definir o sentido, ao se desbastar o cipoal de incidentes secundários, organiza-se e estabelece-se uma leitura política em que o elemento dominante é a dependência ao mundo externo” (GARCIA, 2006, p. 14).

Em outro recorte histórico, a obra de Maria Odila Leite da Silva Dias, *A interiorização da metrópole* (2005), “retrata traços específicos e peculiares do processo histórico brasileiro, na primeira metade do século XIX.” (GARCIA, 2006, p. 19). Dias (2005) aponta 1808 (ano de mudança da Corte Portuguesa para o Brasil) como o momento em que se inicia o processo de interiorização da metrópole, desencadeando um enraizamento de interesses. A rearticulação decorrente da mudança deste arranjo funcional é retratada por Garcia (2006) no seguinte trecho:

Contrariamente às observações de Prado Jr. de que a colônia teria se construído e permanecido como colônia, que passa a ser vista não mais como feitoria comercial ou colônia de exploração (DIAS, 2005, p.34), mas sim de povoamento. Foi por esse motivo que se empreendeu a abertura dos portos para incrementar o comércio. Assim as estradas são abertas no intuito de se buscarem melhorias na comunicação, no povoamento e no comércio. [...] (GARCIA, 2006, p. 21)

Esta modificação no “perfil da colônia” foi fundamental para, aliado à interpretação de Fragoso (1992) onde surge “[...] uma nova ordenação do mundo, embasada na malha de integração interna, na organização da produção em pequenas propriedades, na diversa produção e em uma nova forma de trabalho que mescla escravos, homens livre e trabalho familiar.” (GARCIA, 2006, p. 29), ressaltar dimensões que se mostravam invisíveis à interpretação clássica. É neste contexto de comércio pujante, em uma economia interna que sustentava agroexportação (que muitas vezes assumia o “papel principal na economia colonial”) e cuja “malha de integração interna” era feita sob os cascos das mulas sertanejas, que emerge a figura do tropeiro como personagem fundamental da articulação nacional e cujos frutos não foram para o além-mar.

Jorge Caldeira, em *História do Brasil com Empreendedores* (2009), “traz a figura do empreendedor para o centro da história do Brasil colonial. (...) Essa figura, ligada à produção independente e à pequena propriedade, produziu uma economia dinâmica, que crescia em taxas mais elevadas que a Metrópole – mesmo tendo que lutar contra a ação do governo” como resultado deste processo de crescimento, “a economia brasileira, em 1800, era bem maior que a de Portugal.” (CALDEIRA, 2009, contracapa). Segundo o autor, “tal retrato não se encaixa na explicação que apresenta a economia colonial como produto do latifúndio agrário-exportador cuja riqueza iria para fora e deixaria um mercado interno mínimo.” O autor discorre incisivamente sobre a referida problemática das matrizes interpretativas conflitantes explicadas nos tópicos anteriores. Caldeira (2009) se faz valer dos estudos revisionistas e dá continuidade, incidindo diretamente contra a produção de Caio Prado Jr.. A inovação de Caldeira (2009) refere-se à introdução da figura do empreendedor como chave no processo de “enraizamento de interesses” sendo crucial para a acumulação de capital interna.

### 1.3 – A Construção de Narrativas e o Mito do Herói

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2002), não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa. Os autores recorrem às idéias de Barthes (1993)<sup>3</sup> afirma que:

*são argumentos diferentes !!*

A narrativa está presente no mito, lenda, fábula, conto, novela, epopéia, história, tragédia, drama, comédia, mímica, pintura, vitrais de janelas, cinema, histórias em quadrinhos, notícias, conversação [...] ela começa com a própria história da humanidade e nunca existiu, em nenhum lugar e em tempo nenhum, um povo sem narrativa. (citado em JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91)

*antropomorfização - o tema estuda*

O tema narrativas “estuda como seres humanos em diferentes culturas criam tipos similares de narrativas (mitos, contos, etc.) com praticamente o mesmo estoque de personagens, motivos, temas e enredos” (DANESI, 2007, p.11, tradução nossa).

Jovchelovitch e Bauer (2002) ressaltam o caráter intencional da construção da narrativa cujo conteúdo é específico para o grupo social que o desenvolve:

[...] contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal. [...] Comunidades, grupos sociais e subculturas contam histórias com palavras e sentidos que são específicos à sua experiência e ao seu modo de vida. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91)

Segundo Barthes (1985), o mito é uma fala, um sistema de comunicação, uma mensagem. É uma maneira de significação que “postula um saber, um passado, uma memória, uma ordem comparativa de fatos, de idéias, de decisões” (BARTHES, 1985 p.139) e tem, como função, “transformar uma intenção histórica em realidade, uma contingência em realidade” (BARTHES, 1985, p.163).

Inicialmente, ao se pensar na figura do Herói, lembra-se de personagens que marcaram gerações como Clark Kent (O Super-Homen) ou até mesmo os tiros de John Wayne nos filmes de Western Hollywoodiano. (DANESI, 2007)

<sup>3</sup> BARTHES, R. *The Semiotic Challenge*. Oxford: Basil Blackwell, 1993, p. 251-2

Ademais, segundo o autor, “o mito é uma forma fundamental de criação de sentido em que as personagens são deuses, heróis e seres místicos; os enredos são sobre heróis, as origens das coisas, ou experiências humanas significantes; [...] Mitos constituem “textos de conhecimento metafísicos” para explicarem as origens e as ações humanas”. (DANESI, 2007, p. 108).

Não obstante, ~~o autor~~ <sup>evitar</sup> Joseph Campbell (2007) utiliza-se da psicanálise Freudiana para estudar os mitos:

Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam [...] surgem do círculo básico e mágico do mito. (CAMPBELL, 2007, p. 15-16).

*Salto do mito ao herói!*  
*anuncia uma exploração!*

A figura do herói, segundo Danesi (2007) apresenta virtudes admiradas no mundo todo por serem consideradas como raras, ligadas aos poucos que são “escolhidos”. Ademais, o herói é, na mitologia, um indivíduo “freqüentemente vindo de ancestrais divinos, favorecido com grande coragem e força, celebrado por audaciosas proezas e enviado pelos deuses à Terra para participar de assuntos cruciais e de interesse dos humanos” (DANESI 2007, apud BERGOC 2009, p.8)

Neste sentido, esta “arte de escrever textos” (DANESI, 2007) é construída a partir de convenções sociais, que espelham traços embebidos no âmago das sociedades. Para Salinas (2003), o conceito de heróis está intimamente relacionado ao das narrativas: “falar de heróis é falar de narrativas. [...] na noção de herói em si atravessa os tempos e as culturas. Todos os grupos humanos [...] apresentam e cultuam figuras heróicas”. Dai percebe-se o quão próximo dos grupos sociais e de suas culturas estão os mitos, as narrativas e os heróis.

O estudioso dos mitos, Joseph Campbell (2007), em seu livro *O Herói de Mil Faces*, afirma que o herói:

[...] é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. [...] O herói morreu como homem moderno; mas, como homem eterno – aperfeiçoado, não específico e universal –, renasceu. Sua [...] solene tarefa e façanha é, por conseguinte [...] retornar ao nosso meio, transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu (CAMPBELL, 2007, p. 28).

A caracterização dos heróis, identificáveis nas narrativas mitológicas, podem ser resumidas a aspectos, segundo Danesi (2007), como virtudes consideradas raras e admirada com coragem e força, verdadeiro, justo, leal, honesto e de grande força moral. Para Campbell (2007), tais características podem ser resumidas a homem eterno, aperfeiçoado, não específico, universal, e que busca vencer limitações históricas pessoais.

#### **1.4 – Caracterização do Empreendedor**

Antes de partir para a comparação do conceito de empreendedor com a figura do tropeiro, deve-se recorrer aos estudos de empreendedorismo, de modo a chegar a uma definição sólida que suporte tal comparação. Para iniciar tal estudo, vale recorrer à origem etimológica da palavra *empreendedor*, conforme mostra Degen (2009) no recorte abaixo:

O significado da palavra *empreendedor* deriva da palavra inglesa *entrepreneur*, que, por sua vez, deriva da palavra *entreprendre*, do francês antigo, formada pelas palavras *entre*, derivada do latim *inter* – que significa reciprocidade – e *preneur*, derivada, do latim *prehendere* – que significa comprador. A combinação das duas palavras, *entre* e *comprador*, significa simplesmente *intermediário*. (DEGEN, 2009, p. 6)

Por ser um conceito que está intimamente ligado à dinâmica social na qual está inserido, o conceito de empreendedor muda “de acordo com o país e a época” (FILION 1991, apud Dolabela 1999). Atualmente, “significa a atividade de toda pessoa que está na base de uma empresa, desde o franqueado, um dono de oficina mecânica, até aquele que criou e desenvolveu uma multinacional” (DOLABELA,

1999). Segundo o autor, Jean-Baptiste Say (1964)<sup>4</sup> e Schumpeter (1934)<sup>5</sup> “associam o empreendedor ao desenvolvimento econômico, à inovação e ao aproveitamento de oportunidades em negócios.” (DOLABELA, 1999, p. 67).

Muitas são as definições de empreendedor apresentada por Dolabela (1999), dentre as quais pode-se mencionar Fortin (1992)<sup>6</sup> “que acha que empreendedor é uma pessoa capaz de transformar um sonho, um problema ou uma oportunidade de negócios em uma empresa viável”. Outra definição importante citada pelo autor é a de Filion (1991)<sup>7</sup>: “Um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões”. Segundo Dolabela (1999):

O empreendedor é alguém que define por si mesmo o que vai fazer e em que contexto será feito. Ao definir o que vai fazer, ele leva em conta seus sonhos, desejos, preferências, o estilo de vida que quer ter. Desta forma, consegue dedicar-se intensamente, já que seu trabalho se confunde com o prazer” (DOLABELA, 1999, p. 68).

É importante ressaltar que o conceito de empreendedor esta intimamente ligado com a implementação e a capacidade de inovar. Para Dolabela (1999) “não se considera empreendedora uma pessoa que (...) adquira uma empresa e não introduza qualquer inovação (...), mas somente gerencie o negócio” (DOLABELA, 1999, p. 69).

Neste ponto faz-se necessário partir para a caracterização do empreendedor. Filion (1997, apud DOLABELA 1999) “acredita que as características variam de acordo com as atividades que o empreendedor executa em uma dada época ou em função da etapa de crescimento da empresa” Não obstante, não há, no meio acadêmico, um consenso sobre as características dos empreendedores, ou até mesmo de uma definição clássica. No entanto, com o objetivo de comparar a trajetória do

---

<sup>4</sup> SAY, Jean-Baptiste. **A treatise on Political Economy: or The production, Distribution and Consumption of wealth.** Kelley, New York, 1964.

<sup>5</sup> SCHUMPETER, J. A. **The Theory of economic development,** Harvard University Press, Cambridge, 1934.

<sup>6</sup> FORTIN, P. **Devenez Entrepreneur.** Les Éditions Transcontinental , Fondation de l'Entrepreneurship, Les Presses de l'Université de Laval, 1992.

<sup>7</sup> FILION, L. J. **Visions et Relations: Clefs du success de l'entrepreneur.** Les Éditions de l'Entrepreneur, Montreal, 1991.

tropeiro com a dos empreendedores, aqui proposto, vale recorrer a vários autores sobre o tema para construir um embasamento teórico amplo.

O Quadro 1 resume características dos empreendedores identificados por Dolabela (1999) segundo Timmons (1994)<sup>8</sup> e Hornaday (1982)<sup>9</sup>:

Características do empreendedor	
•	Tem um modelo, uma pessoa que o influencia
•	Tem iniciativa, autonomia, autoconfiança, otimismo, necessidade de realização
•	Trabalha sozinho
•	Tem perseverança e tenacidade para vencer obstáculos
•	Sabe fixar metas e alcançá-las, luta contra padrões impostos, diferencia-se
•	Tem forte intuição
•	Tem sempre alto comprometimento, crê no que faz
•	Sabe buscar, utilizar e controlar recursos
•	É um sonhador realista: é racional, mas também usa a parte direita do cérebro
•	Cria um sistema próprio de relações com os empregados.
•	É orientado para os resultados
•	Aceita o dinheiro como uma das medidas de seu desempenho
•	Tece “redes de relações” (contatos, amizades) moderadas, mas utilizadas intensamente como suporte para alcançar seus objetivos.
•	Conhece muito bem o ramo em que atua
•	Cultiva a imaginação e aprende a definir visões
•	Traduz seus pensamentos em ações
•	Cria um método próprio de aprendizagem: aprende a partir do que faz; emoção e afeto são determinantes para explicar seu interesse.
•	Tem alto grau de “internalidade”, que significa a capacidade de influenciar as pessoas com as quais lida e a crença de que conseguirá provocar mudanças nos sistemas em que atua.

#### Quadro 1: Características do Empreendedor

Fonte: Adaptado de DOLABELA, 1999, p. 71-72

O Quadro 2 compara as atividades nas quais os empreendedores se engajam e algumas características necessárias para tal:

Atividades	Características
Descoberta de oportunidades	Faro, intuição
Concepção de visões	Imaginação, independência, paixão
Realização de visões	Diligência (saber “se virar”), constância (tenacidade)
Compras	Acuidade
Vendas	Flexibilidade para ajustar-se aos clientes
Delegação de tarefas	Comunicação, capacidade de aprender

#### Quadro 2: O Trabalho do Empreendedor e seus Requisitos

Fonte: Adaptado de DOLABELA, 1999, p. 72-73.

<sup>8</sup> TIMMONS, J. A. *New venture creation*, Entrepreneurship for the 21st Century. Irwin, 4th edition, Concord, Ontário, 1994.

<sup>9</sup> HORNADAY, J. A. *Research about living entrepreneurs*, Prentice Hall, Englewood Cliffs, 1982.

Degen (2009), em seu livro *Empreendedor – Empreender como opção de carreira*, discorre que “a vontade dos empreendedores em vencer todas as dificuldades para desenvolver seu negócio (...) é função direta de sua necessidade de realizar”. Associando fortemente a característica de **necessidade de realizar** à figura do empreendedor, o autor recorre a McClelland (1962)<sup>10</sup>:

David McClelland (...) classificou as pessoas em dois grupos: a minoria que, quando desafiada por um objetivo pessoal, está disposta a grandes sacrifícios pessoais para realiza-lo, portanto tem o que ele chamou de ‘grande necessidade de realizar’, e a maioria, que não está disposta a sacrificar seu lazer e sua vida familiar para realizar algo. A esmagadora maioria dos empreendedores de sucesso se encaixa na pequena minoria definida por McClelland, que tem grande necessidade de realizar. (DEGEN, 2009, p. 14)

Como segunda forte característica, Degen (2009) afirma ser o “inconformismo irracional” do empreendedor com “a situação atual das coisas e sua ânsia por mudanças” (DEGEN, 2009, p. 15). O autor recorre à dramaturgia do irlandês George Bernard Shaw, para quem “o homem racional adapta-se ao mundo e o irracional tenta **adaptar o mundo a si**. Portanto, todo o progresso depende do homem irracional.” (DEGEN, 2009, p.15). Desta forma, para o autor, o empreendedor possui duas características principais, que são “não se conformar com o mundo e tentar adaptar ao mundo a si” e a “grande necessidade de realizar e disposição de assumir os riscos e fazer sacrifícios pessoais necessários” (DEGEN, 2009, p. 15).

Degen (2009, p. 15), sintetizando as idéias de George Bernard Shaw, Joseph Alois Schumpeter e David McClelland, descreve o empreendedor bem-sucedido como:

- Alguém que não se conforma com os produtos e serviços disponíveis no mercado e procura melhorá-los. É o inconformismo de Shaw.
- Alguém que, por meio de novos produtos e serviços, procura superar os existentes no mercado. É o agente do processo de destruição criativa de Schumpeter.

---

<sup>10</sup> MCCLELLAND, D. **Business Drive and National Achievement**. Harvard Business Review. 1962.

- Alguém que não se intimida com as empresas estabelecidas e as desafia com o seu jeito de fazer as coisas. É a necessidade de realizar de McClelland.

### 1.5 - O Movimento Tropeirista e a Figura do Tropeiro

Para introduzir este tema que acompanhará as demais análises deste trabalho, e para se saber o que esperar da importância do movimento tropeirista, cita-se Vieira (1999): “O Tropeirismo foi uma fase de grande importância na História do Brasil. Se os bandeirantes alargaram as brasileiras fronteiras, os tropeiros integraram os neobrasileiros ao solo Pátrio.” (VIEIRA, 1999, p. 71). Ademais, uma boa contextualização do movimento segue abaixo:

Quando no Brasil ainda não havia caminho de ferro nem estrada de rodagem; quando o carro de bois, gemendo nos cocões, era o veículo preferido para o transporte de cargas em terreno pouco acidentado; quando os caminhos nada mais eram do que os espaços naturais entre as árvores ou não passavam das trilhas abertas pelos carregadores humanos e pelas patas da gadaria; quando uma população escassa pulverizava-se numa base física de imensas proporções; quando os núcleos de ocupação se perdiam na vastidão da hinterlândia brasileira, foi a tropa de muares, silenciosa e heróica, varando sertões, atravessando ravinas, rasgando matas, vadeando rios, galgando paredões escarpados, equilibrando-se em abruptos declives, que assegurou – assegurou e manteve – a circulação de produtos e de mercadorias, canalizando vida e civilização para os grupos humanos que se haviam enfiado no Brasil adentro! (JOB, 1999, p. 17)

*Job*  
O início do entendimento acerca do movimento tropeirista aqui proposto inicia-se com o estudo das origens do movimento. A primeira tropa cargueira foi trazida para a Hispano-América no século XVI. Foi a partir do século XVIII que a “Banda Oriental” (áreas a oeste na América Espanhola) e a Argentina passaram a fornecer animais ao Brasil. Em solo brasileiro, o movimento tropeiro tem suas origens com a expansão da mineração no século XVIII. As grandes jazidas de ouro recém descobertas no interior do Brasil (especialmente em Minas Gerais) requeriam um meio de transporte capaz (mas resistentes e ágeis que o dorso de negros e índios) de transportar o ouro extraído até o litoral. (JOB, 1999)

Nos artigos “Algumas considerações sobre o ciclo do ouro e o tropeirismo” e “Tropas cargueiras na Hispano-América e no Brasil”, Vera Ravagnani Job discorre,

Antigos? Livro?

no livro *O tropeiro e a integração geográfica e cultural do Brasil*, sobre a origem do movimento tropeiro no Brasil e sobre as dimensões, e importância, que alcança. Sobre as origens do movimento, a autora mostra:

1/7x10

Enquanto o transporte e a comunicação com a região das Minas se tornavam mais críticos, as condições naturais das planícies do extremo sul, excepcionais para a criação de animais, favoreciam a que nela se multiplicasse o número de cabeças de gado: bovino, equino, mular. A pecuária, base econômica da ocupação do extremo sul da Colônia, esparramada nas pastagens do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, veio a constituir-se num setor econômico subsidiário de outro setor principal, que atuou como mercado consumidor: a mineração. [...]

Apesar dos obstáculos<sup>11</sup>, pode-se dizer que a partir de 1730 ou mesmo antes disso, teve início a exportação de animais, do extremo sul para as regiões centrais. [...]

Coube ao coronel Cristóvão Pereira de Abreu a abertura de um caminho, em 1730, por onde seriam trazidos os animais que garantiriam a infra-estrutura das regiões mineiras, favorecendo o escoamento da produção e intensificando o comércio.

Com a abertura do caminho ao Sul, era cada vez maior o número de animais trazidos até Sorocaba. Os muares, considerados os melhores cargueiros, passariam a ser preferidos aos cavalos, mais elegantes e menos resistentes. [...] (JOB, 1999, p. 13)

Em relação às proporções e a importância alcançada pelo movimento tropeiro, JOB (1999) afirma que:

A tropa de muares, como sistema de transporte já organizado cingiu-se a uma área delimitada, embora imensa, compreendendo os atuais Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.<sup>12</sup> [...]

Além de agente por excelência do comércio, o tropeiro tornou-se indispensável em outras atividades. Era o emissário oficial, o correio, o transmissor de notícias, o intermediário de negócios, o portador de bilhetes, recados, encomendas e receitas. [...] (JOB, 1999, p. 14)

<sup>11</sup> A região em que os animais estavam disponíveis estava separada por uma distância de quase 2.000 quilômetros (e por uma topografia difícil) do destino final, as minas.

<sup>12</sup> A autora também acrescenta que "Grupos de animais cargueiros foram muito comuns em todo o Brasil e até hoje são encontrados, pelos caminhos do interior, mas o que diferencia o grupo de cargueiros das tropas de muares do Centro-Sul e Oeste é que enquanto os primeiros eram, em geral, propriedade dos estabelecimentos de produção, levados por assalariados dos fazendeiros, as tropas pertencem ao tropeiro, homem livre e independente que negociava não só o meio de transporte como as mercadorias" (JOB, 1999, p.14)

Percebe-se, pelo retrato desenhado pela autora, a proximidade da figura do tropeiro com o ambiente de negócios no qual estava inserido. O tropeiro era a própria personificação do transporte e comércio fundamentais para a integração do país em uma conjuntura econômico-social tão peculiar na historiografia brasileira. A autora conclui:

Pela sua coragem e pelo denodo com que enfrentava as peripécias de uma vida rigorosa, prenhe de riscos, nas constantes aventuras das viagens de meses de caminhada e regiões inóspitas, rasgando matas, varando serras, estabelecendo uma teia de caminhos, o tropeiro ligou e manteve vivos os núcleos urbanos isolados, representando efetivamente o consolidador das fronteiras nacionais. (JOB, 1999, p. 15)

O tropeiro, pelo seu desempenho na vida econômica e social, canalizando vida e civilização para os aglomerados humanos esparsos por este imenso país deixou na História Pátria um exemplo de heroísmo e dignidade que merece ser melhor conhecido e seguido. (JOB, 1999, p. 15)

Outro ponto de suma relevância quando se estuda a importância do movimento tropeiro é o seu papel na integração cultural do Brasil. VIEIRA (1999), em um artigo intitulado *O papel do tropeiro na integração cultural do Brasil*, explora especificamente esta diretriz do movimento tropeiro. No trecho abaixo, percebe-se a forte presença do tropeiro como disseminador de costumes e fundamental na integração cultural do Brasil:

Desde que a primeira tropa, de Cristóvão Pereira de Abreu, que passou por Sorocaba em 1733, até a última que daqui partiu em 1897, [...] os tropeiros disseminaram a cultura por todo o território nacional. Nas suas bruacas, junto com seus pertences, nos lombos despídos das mulas ainda indomadas ou nas algibeiras dos madrinheiros, peões e capatazes, vinham também os usos e costumes das muitas ilhas de civilizações esparsas por aquele imenso Brasil tão despovoado. Aos poucos foram ensinando o que sabiam e aprendendo outros costumes que levavam mais além, inconscientemente. Era uma cantiga rio-grandense-do-sul que ensinavam aos paulistas e fluminenses, era uma dança goiana mostrada na Bahia e no Rio Grande do Sul, eram os versos e músicas cantados ou recitados nos pousos, por todos os cantos da Pátria ou ainda o “cotejo”, luta de facão de mato que os paulistas exercitavam até o começo deste século, duelo que praticavam com diversão ou treinamento para prepará-los para as agruras a enfrentar por estas estradas que começavam a rasgar os nossos territórios. (VIEIRA, 1999, p. 71)

Quando se discorre sobre essa vertente do movimento tropeirista como “espalhador” de costumes, um fator claramente perceptível desta disseminação cultural é a arquitetura. No livro de Fiori (2003), *Sorocaba – Registros Históricos e*

*Iconográficos*, percebe-se claramente a influência do tropeirismo nesta cidade que por tanto tempo foi o maior pouso de tropas no Brasil, recebendo 100.000 animais por ano<sup>13</sup>.

Nas rotas dos tropeiros, existiam certos pontos que eram utilizados como pousos nos quais muitas comitivas chegavam a se encontrar, e era aí que brota o intercâmbio de vivências, histórias e costumes. (VIEIRA, 1999, p. 78) A maior expressão deste intercâmbio se dava na evolução destes pousos, que muitas vezes se transformavam em cidades e, em alguns casos chegavam a realizar Feiras. (VIEIRA, 1999, p. 74-75) Estas feiras eram organizadas periodicamente em alguns meses do ano e recebiam, as principais, comerciantes e tropeiros de todos os cantos do país, com intuito de comprar e vender os animais (os muares xucros e arreados). Dessa forma, as feiras constituíam uma forma essencial para a manutenção do tropeirismo, uma vez que um tropeiro que queria comprar novos animais, não precisava ir até a Argentina ou ao Rio Grande Sul; bastava ir à grande Feira de Sorocaba. (JOB, 1999, p. 23) e também “eram nas feiras que inúmeras rodas de *causos* e música sertaneja se juntavam, bem como os dançadores de catira que faziam, do chão batido, ecoar os brados de suas botas. (...) Essas danças marcaram a cultura tropeira e faz parte, ainda hoje, do folclore brasileiro”. (VIEIRA, 1999, p. 74-75)

Job (1999), discorrendo sobre o funcionamento da Feira de Sorocaba em *Tropas cargueiras na Hispano-América*, afirma que “À noite, nas praças, dançava-se o fandango, sapateado de origem hispânica e que se fixou no folclore brasileiro sobre diversos nomes: cateretê, catira, ou mesmo fandango.” (JOB, 1999, p. 23).

Sobre a referida evolução dos pousos de tropas para cidades, Vieira (1999) afirma que “Muitos dos Pousos se tornaram cidades, alguns inclusive conservando essa denominação, como Pouco Alegre, e outros lembrando o linguajar tropeirístico, como Cerquilha, Bebedouro, Barreiro, etc...” (VIEIRA, 1999, p. 78).

O autor também menciona exemplos de algumas cidades que nasceram em Pousos de Tropeiros:

---

<sup>13</sup> Segundo Rogich Vieira, em *O papel do tropeiro na integração cultural do Brasil*, a lenda tropeira diz que a Feira de Sorocaba chegou a receber 200.000, 300.000 animais por ano. No entanto, jornais da época eram mais conservadores quanto ao montante, apontando cifras da ordem de 100.000 animais anuais.

[...] em São Paulo encontrei as seguintes cidades que têm em seu histórico a citação nominal de nascerem em pousos de tropeiros: Araçoiaba da Serra; Areias, Ariranha, Bebedouro, Brotas, Buri, Cachoeira Paulista, Cajuru, Cerquillo, Charqueada, Conchas, Cordeirópolis, Divinolândia, Dois Córregos, Itapetininga, Itapeva, Itararé, Laranjal Paulista, Leme, Pereiras, Piedade, Porangaba, Regente Feijó, Rincão das Pedras, Santa Barbara do Oeste, Santo Antônio da Alegria, São Joaquim da Barra, São José do Rio Preto, São Sebastião da Gramma e Sarapuí, além de outras 19 cidades que, presumivelmente, também tiveram origem nesses Pousos, pois que suas histórias citam que nasceram à beira de uma estrada, em determinadas fazendas que vendiam suprimentos aos viajantes, sempre com um boteco nas imediações. [...] (VIEIRA, 1999, p. 78)

Uma passagem interessante ocorrida em um pouso tropeiro é a descrita abaixo:

Existiam pousos oficiais, grandes como o de Cubatão, ao sopé da Serra de Santos e outros bem menores, oficiais também ou particulares. O que se tornou mais famoso de quantos Pousos houveram foi o de Ipiranga, onde o Príncipe Dom Pedro descansa no retorno de sua viagem a Santos, naquele 7 de setembro de 1822, quando o correio oficial o encontrou e lhe entregou a correspondência portuguesa, intimando-o a que retornasse a Portugal. Foi ali, naquele pouso, que aconteceu a Independência do Brasil. Hoje é conhecido como a Casa do Grito. (VIEIRA, 1999, p. 78)

Assim foi o movimento tropeiro. Fundamental na integração do Brasil em um momento em que não se podia referir a este como um país. Certamente só se pode pensar no Brasil de hoje devido ao esforço dos tropeiros em suas longas empreitadas. Como fruto deste movimento surgiram cidades, costumes e foi possível se pensar em integração nacional. E, por fim, foi em um pouso tropeiro que finalmente se ouviu o grito da independência brasileira.

## Capítulo 2 – Procedimentos Metodológicos

Uma vez que o objetivo dessa pesquisa é compreender, detalhadamente, os fenômenos relacionados à trajetória tropeira e sua relação com empreendedorismo, a pesquisa mais adequada é a de cunho qualitativo-exploratório. !!

A primeira parte do trabalho, focado no relatório parcial, teve como objetivo construir o referencial teórico necessário para a análise proposta. Neste sentido, para a construção do referencial teórico foram consultados os materiais produzidos sobre o movimento tropeiro, as obras clássicas constituintes da matriz interpretativa clássica do Brasil, bem como as recentes obras, contrastando a análise das primeiras, livros que exploram a caracterização de empreendedorismo e as narrativas sobre os mitos do herói. Nesta fase do estudo foram identificadas as características dos heróis, dos empreendedores e do movimento tropeirista.

A segunda etapa do trabalho é constituída da parte analítica referente ao cruzamento das informações obtidas no referencial teórico sobre estas características.

O resultado do cruzamento das características foi então aplicado na análise de dois casos de personagens ilustres na historiografia administrativo-empresarial brasileira: Conde Francesco Antonio Maria Matarazzo (conhecido como Conde Francisco Matarazzo) e o Barão Antonio da Silva Prado (conhecido como Barão de Iguape). O estudo sobre o “Mito do Herói”, tanto no referencial teórico, quanto na análise comparativa das características levantadas e nos estudos de caso, se dá principalmente a partir da análise das narrativas. No contexto empresarial, Jameson (2000) considera que o caminho escolhido para contar uma história importa por causar diferentes experiências de interação com o leitor entre narrador – a pessoa responsável pelo ponto vista a partir do qual a história é contada – e outros fatores envolvidos numa narração. De acordo com Jameson (2004), os autores de narrativas relacionadas ao ambiente das empresas, seja implícita ou explicitamente, atribuem valores pessoais ao que escrevem. O autor ressalta que todo documento apresenta a interpretação dos fatos a partir da perspectiva de alguém.

*Relatos autônomos  
2 casos e ??  
tropeiros...  
/texto.*

A escolha de Conde Francisco Matarazzo se justifica por sua importância no cenário econômico brasileiro só comparável à que teve Visconde de Mauá no século anterior, tendo sido um dos maiores marcos na modernização do país. Quanto ao Barão de Iguape, trata-se do “primeiro Prado” que iniciou a trajetória da família que representaria o auge do Ciclo do Café brasileiro. Destaca-se que ambas personagens iniciaram suas trajetórias com atividades tropeiras. (OK, isso é importante e deveria ser mencionado já de início).

Uma vez atestado o aspecto empreendedor e heróico do tropeiro, estes estudos de casos buscam mostrar nas narrativas sobre os dois referidos empresários brasileiros, que iniciaram suas carreiras como tropeiros, a omissão da fase tropeira. Dessa forma, mostrar-se-á que o tropeiro, apesar de herói e empreendedor, nada mais é que o empreendedor desconhecido e o herói inexplorado no imaginário social brasileiro.

## Capítulo 3 – Comparação das Características

### 3.1 - Empreendedor x Tropeiro

Uma vez estabelecida uma base sólida para “o empreendedor”, é possível discorrer sobre a aderência do tropeiro como personagem classificável como empreendedor.

Partindo da etimologia de “*empreendedor*”, verifica-se o fato de que o termo surge para expressar um **intermediário**. Os tropeiros, conforme demonstrado no referencial teórico, surgiram da necessidade de um intermediário capaz de transportar o ouro extraído das minas de Goiás e Minas Gerais e, posteriormente, um intermediário comercial responsável pela circulação de mercadorias e produtos em grande parte do território nacional. Neste sentido, a adequação do tropeiro como personagem intermediária é de imediata verificação.

O coronel Cristovão Pereira de Abreu, que em 1730<sup>14</sup> abriu o primeiro caminho ligando a região das minas de ouro no interior da colônia brasileira até a região produtora dos muares na região platina, trouxe frutos imensuráveis de seu bravo empreendimento. A viagem inicial, caracterizada pela abertura das “picadas” (ou caminhos virgens) de uma extensão de aproximadamente 2.000 quilômetros durou quase dois anos e foi o pontapé inicial de uma iniciativa que revolucionou o transporte de mercadorias no Brasil.

Com os muares, o ouro extraído nas regiões de difícil acesso das minas não mais seria transportado por cavalos, índios ou negros. Conforme discorre JOB (1999), “Os muares, considerados os melhores cargueiros, passariam a ser preferidos aos cavalos, mais elegantes e menos resistentes.” (JOB, 1999, p. 13). Isto permitiu que este novo meio de transporte garantisse “a infra-estrutura das regiões mineiras, favorecendo o escoamento da produção e intensificando o comércio.” (JOB, 1999, p. 13). Isto foi fundamental para o funcionamento das minas de ouro (à época o ouro

---

<sup>14</sup> Data estimada. Estudos indicam que a primeira viagem pode ter sido antes de 1730.

representava o eixo central sob o qual se organizava toda a economia colonial), o desenvolvimento da região produtiva dos muares no sul da colônia, explosão do comércio dos muares na região de Sorocaba e o início do que viria a constituir o movimento tropeiro.

É importante mencionar que embora se esteja analisando acontecimentos centenários, a inserção dos muares foi uma grande inovação no sistema produtivo da época e que proporcionou desenvolvimento econômico para regiões até então inexploradas, integração comercial, social e cultural em âmbito nacional.

*esse é um atributo subjetivo, portanto nos foi evidente assim!*

A associação do movimento à tomada de risco, necessidade de realização e adaptação do mundo a si (entre outras características dos empreendedores que serão analisadas adiante) é de simples e direta ligação. Para tal, basta lembrar-se da jornada diária dos tropeiros, suas realizações, inovações e o desenvolvimento que proporcionou. A seguir, propõe-se a comparação mais detalhada de algumas características levantadas no estudo sobre os empreendedores com a personagem tropeirista. As características dos empreendedores apresentadas no quadro 3 foram adaptadas do livro *Oficina do Empreendedor*, de Fernando Dolabela (1999, p. 71). As características dos tropeiros foram elaboradas com base na revisão da literatura sobre o tema sendo que algumas trazem as citações já apresentadas no referencial teórico.

Características dos Empreendedores	Características dos Tropeiros
“Tem um modelo, uma pessoa que o influencia”	A inspiração essencial para a perpetuação do tropeirismo muitas vezes advinha de tropeiros conhecidos por suas aventuras, em narrativas de escopo muitas vezes heróico:  Pela sua coragem e pelo denodo com que enfrentava as peripécias de uma vida rigorosa, preche de riscos, nas constantes aventuras das viagens de meses de caminhada e regiões inóspitas, rasgando matas, varando serras, estabelecendo uma teia de caminhos (...) (JOB, 1999, p. 15)
“Tem iniciativa, autonomia, autoconfiança, otimismo, necessidade de realização”	A iniciativa estava em se atirar em jornadas novas, caminhos desconhecidos e com desafios inesperados, mas com a autonomia de assumir os riscos que a empreitada impunha, com autoconfiança necessária para transpor os desafios e o sonho de completar (realizar) aquela tropeada.
“Trabalha sozinho (...)”	A solidão não era completa devido a companhia de outros tropeiros nos pousos, mas nas jornadas diárias (que muitas vezes duravam meses) tinham como principal companhia sua mula e seu berrante.

*Não é tão evidente. Milhonaria foi identificando histórias contemporâneas aos tropeiros...*

*Ou seja - Essa é a fala de alguém de hoje - é a visão de hoje sobre os tropeiros, mas quem a viu? quem que tinham de si.*

<p>“Tem perseverança e tenacidade para vencer obstáculos”</p>	<p>Desafios e obstáculos eram inerentes às empreitadas às quais o tropeiros se atiravam, e a perseverança para superá-los era básica, e vital, para o sucesso final.</p>
<p>“Tem forte intuição (...)”</p>	<p>Intuição e superstições são características fortes do tropeiros. Suas tropeadas eram muito ligadas a seus instintos e, muitas vezes, até mesmo dos animais.</p>
<p>“Tem sempre alto comprometimento, crê no que faz”</p>	<p>Para o tropeiro, muito mais importante que o pagamento no final da tropeada era o cumprimento de sua palavra assumida no início do negócio. Existia, portanto, altíssimo comprometimento e respeito entre as partes negociantes.</p> <p>Eram reconhecidos não só como homens corajosos e experientes, preparados para solucionar os imprevistos das viagens, como probos e honrados nos negócios. (...) (JOB, 1999, p. 14)</p>
<p>“Sabe buscar, utilizar e controlar recursos”</p>	<p>Os tropeiros eram famosos por suas habilidades como negociantes:</p> <p>Além de agente por excelência do comércio, o tropeiro tornou-se indispensável em outras atividades. Era o emissário oficial, o correio, o transmissor de notícias, o intermediário de negócios, o portador de bilhetes, recados, encomendas e receitas. (JOB, 1999, p. 14)</p>
<p>“Cria um sistema próprio de relações com os empregados. (...)”</p>	<p>A estrutura de pessoas trabalhando nas empreitadas variava de acordo com a região, com o período e com a necessidade da empreitada. Geralmente era composta pelo Condutor/Tropeiro, Ponteiro, Arriero, Peão, Cozinheiro, Madrinheiro e Culatreiro. Esta estrutura era bastante adaptativa.</p>
<p>“É orientado para os resultados (...)”</p>	<p>Como mencionado anteriormente, a palavra dada pelo tropeiro era de inestimável importância, e ele não media esforços para atingir seu objetivo.</p> <p><i>Podemos igualar estes tipos de resultados - econômico/moral?!</i></p>
<p>“Aceita o dinheiro como uma das medidas de seu despenho”</p>	<p>Remuneração sob forma de moeda era utilizada, mas a maioria absoluta do comércio era feita sob forma de escambo (troca de mercadorias).</p>
<p>“Tece “redes de relações” (contatos, amizades) moderadas, mas utilizadas intensamente como suporte para alcançar seus objetivos. (...)”</p>	<p>A rede de relações dos tropeiros era de extrema valia:</p> <p>Altamente considerado pelas principais figuras dos lugares onde negociava, o tropeiro era sempre bem recebido nas casas senhoriais e eram-lhe conferidas as mais importantes missões pela confiança que inspirava e conquistava onde quer que passasse. (JOB, 1999, p. 14)</p>
<p>“Tem alto grau de “internalidade”, que significa a</p>	<p>A influência sobre as pessoas pode ser percebida</p>

capacidade de influenciar as pessoas com as quais lida e a crença de que conseguirá provocar mudanças nos sistemas em que atua.”	nas cidades que nasceram de pousos tropeiros, com culturas e tradições próprias, originárias no movimento.
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------

### Quadro 3: Comparação Características Empreendedores e Tropeiros

Fonte: Elaborado pelo Autor

O Quadro 4 relaciona algumas atividades inerentes à ação empreendedora com as respectivas características dos empreendedores e dos tropeiros, identificadas no referencial teórico.

Atividades	Características dos Empreendedores	Características dos Tropeiros
Descoberta de oportunidades	Faro, intuição	Instinto, intuição e superstição
Concepção de visões	Imaginação, independência, paixão	Coragem, autonomia, paixão
Realização de visões	Diligência (saber “se virar”), constância (tenacidade)	Vida em ambientes inóspitos, cheios de surpresas e desafios
Compras	Acuidade	Hábil negociante
Vendas	Flexibilidade para ajustar-se aos clientes (...)	Mais importante que o dinheiro recebido é a palavra acordada
Delegação de tarefas	Comunicação, capacidade de aprender	Alto nível de adaptação, inovação e aprendizado

### Quadro 4: Comparação Atividades e Características Empreendedores e Tropeiros

Fonte: Elaborado pelo Autor.

O Quadro 5 adapta os conceitos traçados por Degen (2009) que sintetiza as idéias de George Bernard Shaw, Joseph Alois Schumpeter e David McClelland, descrevendo o empreendedor bem-sucedido e aplicando tal conceito para os tropeiros:

	Empreendedores	Aplicação aos Tropeiros
Inconformismo de Shaw	<ul style="list-style-type: none"> <li>Alguém que não se conforma com os produtos e serviços disponíveis no mercado e procura melhorá-los.</li> </ul>	A iniciativa de buscar animais mais adequados para o transporte do ouro das minas iniciou um processo que seria caracterizado posteriormente pela criação de caminhos novos por grande parte do território brasileiro, criando e revolucionando o transporte e a integração do país.
Destruição Criativa de Schumpeter	<ul style="list-style-type: none"> <li>Alguém que, por meio de novos produtos e serviços, procura superar os existentes no mercado</li> </ul>	
Necessidade de Realizar de McClelland	<ul style="list-style-type: none"> <li>Alguém que não se intimida com as empresas estabelecidas e as desafia com o seu jeito de fazer as coisas</li> </ul>	

### Quadro 5: Aplicação dos Conceitos Empreendedores aos Tropeiros

Fonte: Elaborado pelo Autor

Após a comparação das características dos empreendedores com os tropeiros, pode-se notar uma forte relação de semelhança, de modo que a associação de ambas as figuras leva à percepção e identificação de um expressivo aspecto empreendedor existente no movimento tropeiro. Neste sentido, pode-se entender, na história brasileira, o tropeiro como personagem de caráter fortemente empreendedor.

### 3.2 - Herói x Tropeiro

Uma vez que fora estabelecido um perfil clássico de herói, deve-se partir para a comparação com a figura do tropeiro empreendedor, estudada nos capítulos anteriores. Para tal, a melhor maneira de iniciar tal análise é recorrendo às narrativas tropeiras:

*(sohu o tropeirismo, mas nos "tropeiros" - i.e., dos movimentos)*

Pela sua coragem e pelo denodo com que enfrentava as peripécias de uma vida rigorosa, preta de riscos, nas constantes aventuras das viagens de meses de caminhada e regiões inóspitas, rasgando matas, varando serras, estabelecendo uma teia de caminhos, o tropeiro ligou e manteve vivos os núcleos urbanos isolados, representando efetivamente o consolidados das fronteiras nacionais. [...]

O tropeiro, pelo seu desempenho na vida econômica e social, canalizando vida e civilização para os aglomerados humanos esparsos por este imenso país deixou na História Pátria um exemplo de heroísmo e dignidade que merece ser melhor conhecido e seguido. (JOB, 1999, p. 15)

Durante a leitura dos trechos acima, são facilmente identificáveis aspectos narrativos que tangenciam uma forma de criação de sentido que expõe claramente a percepção do tropeiro como herói. Adjetivos fortes como “coragem” e “dignidade” possuem papel importante no delineamento de uma personalidade digna de mitos heróicos. Personalidade esta que é expressa nas características dos heróis. Dessa forma, o Quadro 6 busca comparar as características do heróis às dos tropeiros:

<b>Características dos Heróis DANESI (2007)</b>	<b>Exemplos das Narrativas Tropeiros</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Virtudes consideradas raras e admiradas</li> </ul>	Coragem, honra, dignidade
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Coragem e força, verdadeiro e justo, honesto e de grande força moral, leal</li> </ul>	Eram reconhecidos não só como homens corajosos e experientes, preparados para solucionar os imprevistos das viagens, como probos e honrados nos negócios. (JOB, 1999, p. 14)
<b>Características dos Heróis CAMPBELL (2007)</b>	<b>Exemplos das Narrativas Tropeiros</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Homem eterno</li> <li>▪ Aperfeiçoado, (...), universal</li> </ul>	(...) deixou na História Pátria um exemplo de heroísmo e dignidade que merece ser melhor conhecido e seguido. (JOB, 1999, p. 15)
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Vencer limitações históricas pessoais</li> </ul>	Pela sua coragem e pelo denodo com que enfrentava as peripécias de uma vida rigorosa, prenhe de riscos, nas constantes aventuras das viagens de meses de caminhada e regiões inóspitas, rasgando matas, varando serras, estabelecendo uma teia de caminhos, o tropeiro ligou e manteve vivos os núcleos urbanos isolados, representando efetivamente os consolidados das fronteiras nacionais. (JOB, 1999, p. 15)

**Quadro 6: Características Heróis de Identificadas nos Estudos Tropeiros**

Fonte: Elaborado pelo Autor.

Campbell (2007) posiciona o herói como “homem (...) que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais (...)” (CAMPBELL, 2007, p. 28). Isto permite inferência às façanhas e conquistas dos tropeiros (principalmente os primeiros, como o Coronel Cristovão Pereira de Abreu) caracterizadas pela luta contra as limitações que seus respectivos momentos históricos lhes impunham e superação de tais dificuldades. Ademais, conforme o mesmo autor, “O herói morreu como homem moderno, mas como homem eterno (...) renasceu. Sua (...) solene tarefa e façanha é (...) retornar ao nosso meio, transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu” (CAMPBELL, 2007, p.28). Este referido renascimento e ensinamento de seus aprendizados também são encontrados nas narrativas tropeiras que tornam eterno este herói.

Conclui-se, portanto, que existe um forte traço mitológico existente na narrativa tropeira e a incorporação do tropeiro como personagem de fundo heróico.

## Capítulo 4 – Análise dos Casos

Como mencionado, objetiva-se, com os estudos de caso, exemplificar o caráter empreendedor do movimento tropeirista através da utilização da trajetória de duas personagens ilustres na historiografia empreendedora brasileira.

As trajetórias do Barão de Iguape e do Conde Francisco Matarazzo serão exploradas pelo fato de o início de seus empreendimentos estiveram intimamente ligados ao movimento tropeiro. Pretende-se relacionar a influência da cultura tropeira na formação dessas personagens como empreendedores e, por fim, identificar o aspecto empreendedor existente no movimento tropeirista.

### **4.1 - Conde Francisco Matarazzo**

Personagem amplamente conhecida, Francesco Antonio Maria Matarazzo (conhecido como Conde Francisco Matarazzo) teve, no começo de suas atividades comerciais (na cidade de Sorocaba, lugar de maior expressão da atividade tropeira) ligação com o movimento tropeirista. Seu início como tropeiro, nas terras sorocabanas, não teria sido apenas um começo qualquer, mas sim “a fonte de suas realizações”, conforme relatado em de 1937, por C. D’Agostinho, amigo próximo de Matarazzo:

(...) [Matarazzo] Disse-nos nesse dia que, de Sorocaba, onde fixara residência apenas chegado da Itália, se irradiava em excursões pelo nosso sertão, que percorria a cavallo com tropa de carga, transacionando com os fazendeiros nelle estabelecido. Falava saudosamente desse passado e citava ainda amigos que conhecera naquelle tempo. Tudo comprava e tudo vendia dando já ao intercambio que proporcionava àquella gente a intensidade de sua imaginação comercial. Abria e fechava porteiras, bem como na montaria, às vezes, cochilava sob a modorra do calor. Ia e vinha a Sorocaba para abraçar os seus e prosseguia na tarefa a que se dedicara. Essa fôra a fonte de suas realizações. (COUTO, 2004, p. 162)

No livro *Pioneiros e Empreendedores v. I*, Marcovitch (2003) analisa a “Saga do Desenvolvimento no Brasil”. No início do capítulo sobre o Conde Francisco Matarazzo, o autor afirma, em tom mítico de narrativas heróicas:

Nunca houve (...) uma história brasileira de sucesso empresarial comparável à do Conde Francisco Matarazzo. Um dos fundadores da indústria brasileira (...), ele ficou na memória coletiva como uma mistura de realidade e lenda. Até na versão oficial, contada por ele mesmo, sua história tem certos toques de conto de fadas. (MARCOVITCH, 2003, p. 85)

Recorrendo ao artigo de Assis Chateaubriand no *Diário de São Paulo* de 8 de março de 1934, Marcovitch (2003) faz alusão ao tamanho do império que o Conde construiu:

Entre as vinte unidades da Federação e mais o Distrito Federal e o território do Acre, existe um Estado economicamente quase tão rico como São Paulo, e mais rico, como riqueza produzida, do que o erário do Distrito Federal, o de Minas ou do Rio Grande do Sul. Quero falar no Estado Matarazzo, (...). Enquanto São Paulo tem uma renda bruta de quatrocentos mil contos, Minas de 140 mil, O Rio Grande do Sul, de 130 mil, a prefeitura carioca, de 270 mil, o parque das I.R.F Matarazzo possui de receita bruta uma cifra que atinge o algarismo de 350 mil contos. (MARCOVITCH, 2003, p. 86)

Segundo Marcovitch (2003), Matarazzo chegou ao Brasil em 1881, e trazia consigo algumas latas de banha de porco que pretendia revender para iniciar suas atividades comerciais. Após acidente ocorrido com estas mercadorias (os detalhes são desconhecidos, apenas se sabe que as latas caíram no mar), pouco lhe restou além de modesta quantia em dinheiro.

Ademais, a despeito da contextualização da chegada do imigrante ao país, ressaltam-se dois aspectos. O primeiro era que “Quando Francisco Matarazzo botou o pé em Sorocaba, no final de 1881, o tropeirismo definhava, atropelado pelos trens. Trilhos em vez de trilhas” (COUTO, 2004, p. 139). O segundo é sobre a condição financeira que ele chegou ao Brasil:

Sim, não veio rico. Veio enriquecer. Se já tivesse fortuna, certamente teria ficado na adorada Itália, em vez de enfrentar viagem doida e destino incerto com mulher, duas crianças e poucos bens e dinheiro, num país vasto e distante, agrário, escravocrata e diziam, exótico e perigoso. (COUTO, 2004, p. 157)

A biografia detalhada feita por Couto (2004), narra os primeiros passos do italiano nos campos de Sorocaba, no final de 1881:

Feitas as avaliações e as contas, aplicou o que sobrou do milhar de liras que trazia na compra de mercadorias e pequena tropa de animais de carga. A economia sorocabana ganha um mascate trabalhador e ladino, de sorriso fácil e fala difícil, enroladíssima. Então o miliardário Matarazzo foi mesmo tropeiro? Sim. Não no sentido de quem conduzia, vendia e comprava tropas de muares e/ou de eqüinos Brasil adentro. Mas na acepção de dono e condutor de tropa cargueira comercial. De bruaqueiro. Foi o que o minguado capital inicial permitiu e o poderoso faro comercial captou. (COUTO, 2004, p. 158)

É importante observar as características de empreendedor e de tropeiros que são evidenciadas pelo estudo de Couto (2004) nos trechos que se segue. Algumas eram:

Seu capital era ele mesmo. A experiência, a cabeça privilegiada para negócios, a simpatia e carisma, a saúde de ferro, a disposição de trabalho. Algum conhecimento, talento para identificar, criar, organizar, administrar e empreender. Fibra, inteligência, sorte. “Para ter êxito é preciso dispensar atenção a cada detalhe”, dizia. A força e a coragem valem menos sem a prudência. (COUTO, 2004, p. 158)

Embora não fosse iniciante na atividade – “Lá vai o elegante [Matarazzo]. (...) Iniciante? Que nada! Conhecia o meio rural, convivia com ele na Itália”. (COUTO, 2004, p. 159) – seu cotidiano é descrito nos trechos a seguir:

Lá vai Francesco Matarazzo com sua tropazinha de carga, resumido comboiozinho de três ou quatro mulas. Solteiro, apesar de morar com a brava Filomena e os dois filhos, chama a atenção pelo porte atlético e boa aparência. É um homem bom de negócio, de palavra, correto, enérgico. Sadiamente boêmio, racional e audacioso nas compras e vendas, mas nunca inconseqüente. Em tudo pensava e tudo media, mas decidia depressa. Muita informação, muito raciocínio, muita intuição. [...]

Burros, mulas, cavalos e companhia faziam parte de seu dia-a-dia em Castellabate. Nas andanças pela região e propriedades, no transporte de bens, para subir e descer do cocuruto do morro em que morava. (...) Mas jamais quis ser fazendeiro, preferia o comércio. [...]

Aonde ele vai agora? Aos lugares daquele mundão sertanejo em que podia mascatear, conhecer e tornar-se conhecido, ganhar dinheiro, capitalizar-se para outro passo: abrir um negócio fixo em Sorocaba. Uma casa de

comércio. Criar ponto de partida firme para o grande vôo que sonha fazer. [...]

(...) Começa cauteloso, tateando os campos de forma bem pedestre, medindo cada passo. Botas nos estribos, cabeça nos negócios. Vendendo, comprando e fazendo trocas no meio rural, viaja por toda a região. Peregrina pelo campo, visita os fazendeiros e agregados, os povoamentos, os arraiais. Início áspero, por caminhos difíceis, atrás das roças caipiras. Impõe-se pouco a pouco. Visão e tino comercial, trabalho, habilidade, astúcia e criatividade. Mais: pragmatismo positivo e atitudes firmes. (COUTO, 2004, p. 159-160)

Roberto Moreira<sup>15</sup> (citado por COUTO, 2004) narra este início:

Montado numa besta indócil e recalcitrante, que só ao seu dono permitia assento, lá se ia ele pelas solidões dos descampados infindos, exposto ao rigor das intempéries, ao sol, ao vento e à chuva, seguido apenas de um jovem capataz, à guisa de escudeiro, encarregado de levar-lhe a bagagem e de abrir-lhe as porteiras. (MOREIRA p.29, apud COUTO 2004 p. 159)

E como não podia faltar na caracterização schumpeteriana de empreendedor como implementador de inovações, Matarazzo diferenciava-se: “Hábil mercador (...). (...) vai diretamente ao produtor. Evita comprar de terceiros, queima etapas, gasta menos.” (COUTO, 2004, p. 160). O autor relata as ideais inovadoras do Conde Matarazzo:

Um dos segredos do sucesso dele foi exatamente a introdução em Sorocaba e região de sistema inovador de compra e venda a prazo, que acelerou a capitalização de seus negócios. Não ficava apenas atrás do balcão. Pensava grande e longe, inventava atrativos, saía atrás de clientes, tratava de conquistá-los. Difundiu, inclusive, o uso de cadernetas de compra a crédito. Pragmatismo, inovação. (COUTO, 2004, p. 161)

Como grande negociante, Couto exemplifica: “(...) Era muito forte no jogo de mercado. Adorava comprar e vender, negociar. Talvez tanto quanto de investir e empreender. Amava a arte, os segredos, as manhas, artimanhas e truques do comércio.” (COUTO, 2004, p. 162)

Nos trechos a seguir, ganham destaque as funções e características tropeiristas do italiano:

---

<sup>15</sup> MOREIRA, Roberto. **Um grande pioneiro** (o conde Francisco Matarazzo). Centenário do conde Francisco Matarazzo: discursos comemorativos. São Paulo, [s. n.] p. 29.

Correto, simpático, esmera-se na conquista da confiança da dispersa freguesia rural. Gente simples e leal, mas o seu tanto desconfiada. Nunca falta à palavra empenhada. Sabe que a confiabilidade é fundamental ao tropeirismo e valor alto naquele meio. Palavra de homem valia muito, fio de bigode era garantia maior do que papel assinado. [...]

Com a tropazinha e com os velhos tropeiros, Matarazzo porta muito mais do que dinheiro e mercadorias. Ele ajuda em tudo. Leva e trás notícias, às vezes cartas, recados. Também receitas, remédios, e outras encomendas. Realizava-se na disputa, divertia-se. (COUTO, 2004, p. 160)

Ademais, para os objetivos propostos, interessante se faz, analisar especificamente a mitificação de herói que foi sendo construída em torno da personagem histórica de Francisco Matarazzo. Com base em Benedito Ruy Barbosa, escritor, pesquisador, jornalista e publicitário, Couto (2004) descreve o conde:

Quem é Francesco Matarazzo: É um homem que tem uma história incrível, em todos os sentidos. Desde a origem dele, (...) a formação desse império monumental (...) que ele começou aqui em Sorocaba. É uma grande história. (...) Um personagem fantástico, Nossa Senhora! (...) É um exemplo fantástico de trabalho, uma coisa maluca! Muita **capacidade realizadora**, **coragem para arriscar** e **determinação** quase obsessiva. Isso define o Matarazzo. (...) Ele tem a aura assim de **herói**, de **super-herói** mesmo. (COUTO, 2004, p. 136)

O raro talento e o fato de o perfil empreendedor ser destinado apenas a alguns escolhidos, pode ser identificado no Conde Matarazzo de acordo com Couto (2004):

Eu vejo genialidade nele. É um eleito, uma dessas pessoas raras. (...) Além da visão incrível, da capacidade de fazer e da coragem de correr riscos, ele tinha o dom de acreditar. (...) Outra coisa: sabia lidar com os empregados. (...) Conquistava as pessoas com o gênio dele. Um líder. (COUTO, 2004, p. 137)

Em curiosa estória durante o tempo de tropeiro, surge a lenda de que “Quem fere o Matarazzo morre”, que se tronou um dito popular nos campos de Sorocaba, Capão Bonito de Paranapanema e Itapetininga nos anos finais do Império:

Nas zanzas pelo sertão, Matarazzo é picado por uma cascavel em Capão Bonito do Paranapanema. Correm com ele para casa e levam também a cobra, capturada ilesa. Chamam o medico. Dona Filomena se desespera. Escapar de peçonha de cascavel, só por milagre. Francesco está realmente mal, há risco de morte. Fraqueza, palidez, febre, calafrios, delírios. Mas,

depois de três dias de tensão e medo, ele se levantou feliz da vida, como se nada tivesse acontecido. Foram ver a cascavel, tinha acabado de morrer. Um espanto. Nasce a lenda: “*Chi tocca Matarazzo, muore*”. Quem toca Matarazzo, morre (COUTO, 2004, p. 185)

Recorrendo à publicação do jornal carioca *O Jornal*, em edição de 11 de fevereiro de 1937, Couto (2004) mostra como a lenda acima era recontada:

Conta a lenda formada em torno do seu nome que, viajando certo dia para Capão Bonito, uma cobra que assustava os viandantes daquela região ousou atacá-lo e foi por ele corajosamente dominada e morta. Asseguravam os sertanejos que o comprador de porcos havia mordido a serpente e o ofídio caíra fulminado com a virulência do seu veneno. (COUTO, 2004, p. 185)

Em relação aos tempos de tropeiro, Couto (2004) conclui: “Mesmo depois de bilionário, Matarazzo se orgulhava da experiência de mascate e tropeirista. Gostava de ouvir e de dizer que trabalho era seu outro nome. Foi tropeiro, sim.” (COUTO, 2004, p. 164).

No ano de 1883, Matarazzo faz seu primeiro empreendimento, que foi a abertura de uma venda na cidade de Sorocaba. A grande oportunidade identificada pelo italiano foi, no entanto, a potencialidade que existia no negócio (inexistente até então) de fabricação de latas de banha de porco (essenciais para o condimento dos alimentos à época). Como mencionado, Matarazzo inovou na maneira de fazer negócios, comprando diretamente dos produtores (principalmente dos suinocultores da região). Dessa forma, Matarazzo tinha forte contato e acesso aos suinocultores, fornecedores da matéria prima essencial para as latas.

Em relato apresentado no livro de Couto (2004), percebe-se a força que Matarazzo, enquanto tropeiro e no processo de abertura de sua fábrica de latas de banha de porco possuía com os produtores de porco:

- Como foi o tal sumiço da porcada no tempo do Matarazzo?
- Aqui na região de Sorocaba, ninguém conseguia comprar um só porco! Já estava tudo vendido para ele. Ia pessoalmente aos sítios e fazenda e comprava todos por antecipação. (...). (COUTO, 2004, p. 161)

Uma vez com grande disponibilidade de matéria prima, precisava, então de conhecimento. O conhecimento necessário para o processo de transformação da banha, ele e sua esposa Filomena trouxeram da Itália. Bastava o capital e a coragem para abrir a primeira fábrica. O capital foi obtido com as práticas de bom mascate, e coragem era rotina para um tropeiro no século XIX. Assim iniciou-se a primeira indústria de Francisco Matarazzo. Assim foi o seu começo.

Dessa maneira, ao analisar o início da jornada que levou o imigrante Francisco Matarazzo à construção do maior império industrial da história do país, evidentes se tornam as características de empreendedor e a importância que a fase de tropeiro desempenhou em sua ascensão econômica, bem como a construção mitológica em volta da personagem.

## **4.2 - Barão de Iguape**

Em *Pioneiros e Empreendedores v.1*, Marcovitch (2003) analisa a história da família Silva Prado:

Durante mais de um século, ao longo do Brasil imperial e da Primeira República, a dinastia empresarial dos Silva Prado dominou boa parte da economia, da política e do universo cultural de São Paulo. Em quatro gerações sucessivas – contadas a partir do Antônio Prado, o barão de Iguape, até 1930 – os pioneiros e empreendedores da família atuaram como fazendeiros, comerciantes, banqueiros, exploradores, industriais, políticos e intelectuais, ocupando sempre o centro do palco. (MARCOVITCH, 2003, p. 25)

O “primeiro” Prado, que iniciou a trajetória de ascensão da família foi “Antônio Prado, que viveu de 1788 a 1875, [e] tornou-se barão de Iguape por serviços prestados ao império.” (MARCOVTCH, 2003, p. 26). Ele é a primeira personagem analisada por Marcovitch (2003) em sua obra no tópico intitulado: “A trajetória do Avô: De Tropeiro a Barão”.

Pouco se sabe sobre o início da carreira de Antônio Prado. É conhecido, no entanto, que foi tropeiro por um período e, mesmo depois que passou a ser coletor de

impostos do Império, era forte conhecedor do funcionamento do tropeirismo no Brasil, estando ligado, de uma forma ou outra, à atividade. Sobre seu começo, Marcovitch (2003) discorre:

A parte inicial de sua carreira é a menos documentada. Sabe-se que, no início dos anos XIX, saiu de São Paulo conduzindo uma tropa de mulas para tentar a sorte em Goiás. Depois de perder o pouco capital que levava, tomou o rumo da Bahia, terminando por se estabelecer na pequena cidade de Caiteté. Lá montou um “armarinho” e passou a atender uma clientela (...). Era um comércio modesto, feito muitas vezes na base da troca. (MARCOVITCH, 2003, p. 29)

Após este referido empreendimento, Antônio Prado voltou a São Paulo, onde embarcou na grande oportunidade de sua vida:

Ninguém sabe como, depois de apenas seis anos nessa vida (1810 a 1816), reapareceu em São Paulo com capital suficiente para se lançar em grandes negócios. (...) Seja lá qual for a origem de seu capital, o fato é que, ao chegar a São Paulo, inaugurou em grande estilo e quase de imediato sua carreira de contratador de impostos, negociante de gado e mulas e comerciante de açúcar. Em novembro de 1817, associou-se a Manuel Moreira Lírio e Custódio Moreira Lírio, e juntos arremataram o contrato de cobrança do Novo Imposto, que recaía principalmente sobre o gado e as mulas vindas do sul do país e que eram registrados na sua passagem obrigatória durante a grande feira que lá se realizava todos os anos entre os meses de janeiro e abril. Desta forma, aos 29 anos, o futuro barão de Iguape tornou-se contratador de impostos, encontrando o caminho da fortuna familiar. (MARCOVITCH, 2003, p. 29)

Sobre o sistema de contratadores, Marcovitch (2003) analisa:

A vantagem deste sistema é que (...) os contratadores tinham interesse econômico imediato em lutar contra a sonegação. Por esse motivo não eram populares. Impopular por princípio, a cobrança de impostos era especialmente difícil em Sorocaba, onde de uma maneira ou de outra toda a população estava ligada aos tropeiros ou comerciantes de gado. (MARCOVITCH, 2003, p. 30)

Ademais, a atividade de coletor de impostos do Império se mostrou muito rentável, conforme descreve o autor:

(...) a cobrança de impostos era um excelente negócio. Nos anos de 1820, 1821 e 1822, (...) o lucro líquido chegou a (...) 45,9%. (...) Além do mais, praticamente não havia empate de capital, pois o dinheiro ia entrando ao longo dos meses, enquanto o acerto de contas se fazia semestralmente na

Junta da Fazenda em São Paulo. Enquanto esse dia não chegava, o dinheiro era aplicado em outros negócios, sobretudo nos comércios de açúcar e de gado, ambos intimamente ligados às atividades de controlador. (MARCOVITCH, 2003, p. 30-31)

No entanto, devido a dificuldades existentes no mercado de açúcar, “o gado surgia como opção melhor” ademais, “o êxito que o futuro barão de Iguape iria encontrar no comércio de gado está intimamente ligado à análise que fez das dificuldades características desse negócio e à estratégia traçada para enfrentá-las.” (MARCOVITCH, 2003, p. 32).

Em relação ao processo de entrada no negócio de comercialização de gado, Marcovitch (2003) discorre:

As boiadas vinham sobretudo dos campos do atual Estado do Paraná, que então pertenciam a São Paulo, e da região de Lages, em Santa Catarina, enquanto os muares se multiplicavam nas pastagens naturais do Rio Grande do Sul. O gado atendia aos mercados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, enquanto as mulas atraíam compradores de áreas ainda mais afastadas, inclusive do Nordeste. [...]

Prado iniciou suas atividades nesse ramo imediatamente depois de voltar do sertão baiano e logo compreendeu que elas exigiam uma organização complexa, com homens capazes de resolver problemas que surgiam a cada passo. A lentidão da comunicação impossibilitava consultas frequentes, impondo a delegação de responsabilidades. Além de resolver os imprevistos da jornada, os tropeiros também decidiam sobre as paradas nas estações-invernadas, onde o gado engordava [...]

A solução encontrada pelo futuro barão de Iguape foi associar-se com o homem certo: João da Silva Machado, futuro barão de Antonina. Machado conhecia a fundo as estradas do Sul e todos os segredos da criação, condução e manejo do gado. Isso permitia que Prado se concentrasse no que mais entendia: o comércio propriamente dito, deixando nas mãos do sócio os aspectos técnicos do negócio (...). (MARCOVITCH, 2003, p. 32-33)

A evolução da atividade de gado, mostrou-se lucrativa, de forma que Antônio Prado obteve “(...) êxito crescente de suas atividades, que não tardaram a assumir feições monopolistas. (...) houve ocasiões em que estavam em seu nome mais de metade das rezes registradas nos livros do Novo Imposto de Sorocaba.” (MARCOVITCH, 2003, p. 33).

Antônio Prado, devido ao longo tempo como coletor de impostos (que era uma atividade extremamente rentável) e com seus negócios no ramo de gado (que também

eram muito lucrativas), desfrutava de grande patrimônio e influência política, de modo que:

A essa altura, Prado já recebera título de barão de Iguape, em reconhecimento ao seu apoio à monarquia, sempre renovado desde os tempos da independência. Amigo dos Andradas, tomara o partido de dom Pedro I, insistindo para que ele resistisse às ordens de Portugal, na conjuntura que levou ao dia do Fico e ao grito do Ipiranga. Fora então nomeado Cavaleiro da Ordem Real de Cristo e capitão-mor da cidade de São Paulo. Em 1842, renovaria esse apoio, por ocasião da crise que opôs a Câmara Municipal de São Paulo ao presidente provincial, em torno dos resultados de uma eleição. O barão, que já era membro da Câmara, tornou-se seu presidente.” (MARCOVITCH, 2003, p. 34)

Neste sentido, a influência econômica e política desempenhada pelo Barão de Iguape era notável, sendo ele o responsável por iniciar a família Prado no cenário da elite econômica e política do Brasil Império e, posteriormente, República. Ademais, para a análise aqui proposta, é importante ressaltar o início da carreira do barão, que foi totalmente ligada ao tropeirismo.

### **4.3 - Análise Comparativa dos Casos**

Ao se analisar a história das referidas personagens, observa-se o fato de que ambas estiveram intrinsecamente ligadas ao tropeirismo, especialmente no início de suas carreiras.

Relembrando as características empreendedoras existentes nos tropeiros, algumas se destacam, como: coragem, necessidade de realização, tomada de risco, entre outras. O fato de tanto o Conde Matarazzo quanto o Barão de Iguape terem se engajado em tropeadas, agindo especificamente como tropeiros pode ter sido determinante e reforça o espírito empreendedor que eles desenvolveram.

Não obstante, apontar a influência da experiência tropeira como motivo para os empreendimentos futuros passa por incertezas fortes, e por uma das principais discussões sobre empreendedorismo: empreendedorismo se aprende ou é nato? Há uma grande divergência entre os estudiosos do tema, pois não há uma barreira clara

entre a influência do meio e do aprendizado e a parcela empreendedora que é nata do indivíduo.

Desta forma, com a análise dos casos, existe uma área nebulosa acerca do determinismo do período tropeiro no resto da carreiras das personagens analisadas, uma vez que é muito difícil afirmar que caso Matarazzo não tivesse sido tropeiro, não teria obtido sucesso em seus empreendimentos seguinte. Da mesma forma, não se pode afirmar que o tropeirismo (de expressão fortemente empreendedora) nada contribuiu para os empreendimentos do Conde.

A posição assumida, para efeito analítico, é de que o início das carreiras como tropeiros está associada ao espírito empreendedor já inerente às personagens e de possível expressão nas tropeadas sertão a dentro. Ademais, a vivência no ambiente tropeirista, de forte empreendedorismo diário, foi importante no desenvolvimento das personagens como empreendedores, acentuando as características necessárias para o lançamento em empreitadas que eternizariam seus nomes na historiografia brasileira.

Neste sentido, a análise comparativa das personagens dos casos resulta na percepção de alguns pontos fundamentais. Primeiramente, tanto o Conde quanto o Barão podem ter iniciado suas carreiras no tropeirismo por identificarem a compatibilidade de seus perfis. Desta forma, suas características empreendedoras acharam um ambiente adequado para sua expressão.

Ademais, especialmente no período em que o Barão de Iguape viveu (1788-1875), o tropeirismo era uma atividade muito forte e atrativa para jovens iniciantes. Já para o Conde, apesar de ter chegado a Sorocaba em 1881 (em que o tropeirismo vinha definhando, substituído pelos trens), a cidade ainda era o principal centro da atividade em todo o país – e o tropeirismo era o eixo sobre o qual toda a economia sorocabana se articulava.

Outro aspecto relevante na comparação das personagens é que o Barão, mesmo depois que parou de tropear, durante seu período como coletor de impostos e posteriormente, como negociante de gado, estava diretamente ligado aos tropeiros. Já o Conde, teve na sua fase tropeira “a fonte de suas realizações”. (COUTO, 2004, p. 162). Ou seja, o tropeirismo acompanhou as personagens em forma de aprendizado e, até mesmo de maneira direta nos negócios subseqüentes.

Ademais, outro aspecto importante é a questão do Mito do Herói. Matarazzo, por ter alcançado façanhas ímpares como empreendedor, se tornou uma verdadeira lenda, ainda em vida, nos meios que passou. No entanto, a pesquisa não identificou, na mesma intensidade, o efeito com o Barão de Iguape. No entanto, nos estudos sobre as personagens, há uma tangência nos aspectos que as caracterizam, como empreendedores de visão à frente de seus tempos e que construíram grande impérios a partir do zero – *self-made man*. As narrativas acabam por assumir um fundo mitológico, sendo este mais presentes nos estudos feitos sobre o Conde Matarazzo.

Por fim, uma última questão relevante para os objetivos propostos é a percepção de que a fase tropeira (comprovadamente de influência importante nas carreiras das personagens) ter desaparecido quase que totalmente das narrativas destes empreendedores. Têm-se, então, empreendedores cuja passagem na história os marca como próximos a heróis e cujo início de carreira manifestou estas características no movimento tropeirista – de cerne fortemente empreendedora e cujos personagens centrais possuem perfis mitológicos. No entanto, o Conde Francisco Matarazzo e o Barão de Iguape, confirmam que **como tropeiros**, nada mais se tornaram que empreendedores desconhecidos e heróis inexplorados no imaginário social brasileiro.

## Considerações Finais

A oportunidade de se observar as histórias de ilustres empreendedores brasileiros de extremo sucesso, que marcaram suas épocas e escreveram seus nomes como lendas no formato de heróis mitológicos (especialmente Matarazzo), e cujo início de carreira se deu como tropeiro vai totalmente ao encontro dos objetivos propostos neste trabalho.

O referencial teórico levantado relativizou a certeza vigente por décadas sobre da insignificância da economia interna e ressaltou o papel do tropeiro na integração e desenvolvimento nacional, bem como construiu as bases necessárias para a comparação das características de empreendedores, heróis e tropeiros.

A análise comparativa dos “empreendedores x tropeiros” mostrou a existência de forte cerne empreendedora no tropeirismo. Ademais, a comparação “heróis x tropeiros” atestou o forte apelo mitológico nas narrativas tropeiras, em que o tropeiro assume claramente aspectos heróicos.

Os casos utilizados (principalmente o caso Matarazzo) ilustram personagens empreendedoras, que atingiram certa aura de herói mas cujo início tropeiro (que mostrou-se fortemente associado à noção de herói e empreendedor) permanece omissa e esquecido em suas respectivas narrativas.

Como motivo para tal desaparecimento pode-se apontar justamente o fato de inexistir o apelo do tropeiro como herói no imaginário social brasileiro. Desta forma, a partir do momento que estas personagens tornaram-se empreendedores de sucesso, esta última condição substituiu a primeira, tornando-a, assim, esquecida.

Curioso se faz, após a percepção da forte cerne empreendedora existente nos tropeiros e o quão envolvente são as narrativas de suas tropeadas, nas quais assumem significativo viés heróico/mitológico, o questionamento do motivo pelo qual, sendo empreendedores e heróis, eles permanecem não mais que o empreendedor desconhecido e o herói inexplorado no imaginário social brasileiro.

O estranhamento se intensifica quando se observa a figura do Bandeirante como mais próximo deste herói (por sua bravura e coragem) nacional, esquecendo-se os objetivos exploratórios do movimento de “entradas e bandeiras”.

A conclusão que se pode tirar sobre a razão dos referidos caminhos assumidos pela história são deveras incertos e tortuosos. Não obstante, talvez a principal contribuição do presente trabalho não seja compreender o motivo de o tropeiro não ter assumido o papel de herói, mas sim apontar aos estudos vindouros, em um país tão carente de heróis como o Brasil, uma nova personagem que verdadeiramente era empreendedora e heróica: o tropeiro.

## Referências

- BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difusão Européia, 1985.
- BERGOC, Gabriel Cintrão. *Em busca dos Mitos e Vilões no Mundo Management*. Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica. São Paulo: 2008
- CALDEIRA, Jorge. *História do Brasil com Empreendedores*. São Paulo: Editora Mameluco, 2009.
- CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. 11ª Ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.
- CHAVES, Cláudia Maria das Graças. *Perfeitos Negociantes – Mercadores das Minas Setecentistas*. São Paulo: Annablume Editora, 1999.
- COUTO, Ronaldo Costa. *Matarazzo*. Vol. 1 *A travessia*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.
- DANESI, Marcel. *The Quest for Meaning – A guide to semiotic theory and practice*. Toronto: University of Toronto Press, 2007.
- DEGEN, R. J. *O empreendedor: empreender como opção de carreira*. São Paulo, Pearson Prentice Hall, 2009
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. São Paulo: Alameda, 2005.
- DOLABELA, Fernando. *O Segredo de Luísa*. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.
- DOLABELA, Fernando. *Oficina do Empreendedor*. São Paulo, Ed. De Cultura, 1999.
- FRAGOSO, João Luís R. *Homens de Grossa Aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790 – 1830)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992
- FRIOLI, Adolfo. *Sorocaba – Registros Históricos e Iconográficos*. São Paulo: Laserprint Editorial, 2003.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- GARCIA, Ana Cláudia Alves de Aquino. *As tropas e trem: A dinâmica econômica e cultural do sudeste goiano (1920 – 1960)*. 1ª Edição. Universidade Federal de Goiás: UFG, 2006.
- JAMESON, D. Telling the investment story: A narrative analysis of shareholder reports. *The Journal of Business Communication*, v. 37, n. 1, 2000.
- JAMESON, D. Conceptualizing the Writer-Reader Relationship in Business Prose. *The Journal of Business Communication*, v. 41, n. 3, 2004.
- JOB, Vera Ravagnani. Algumas Considerações sobre o ciclo do ouro e o tropeirismo. In: FRIOLI, Adolfo; BONADIO, Geraldo (Org.). *O tropeirismo e a integração geográfica e cultural do Brasil*. Sorocaba: Secretaria da Educação e Cultura: FAGED, 1999. p. 09-15.

JOB, Vera Ravagnani. Tropas cargueiras na Hispano-América e no Brasil. In: FRIOLI, Adolfo; BONADIO, Geraldo (Org.). *O tropeirismo e a integração geográfica e cultural do Brasil*. Sorocaba: Secretaria da Educação e Cultura: FAGED, 1999. p. 17-24.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa, com texto, imagem e som: um manual prático*. 5ª edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002, cap. 4, p. 90-113.

LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1880-1842*. São Paulo: Símbolo, 1979.

LINHARES, Maria Yedda L. *História de Abastecimento: uma problemática em questão (1530-1918)*. Brasília: Binagri, 1979

MATTOSO, Kátia de Queiroz. *Bahia: a cidade de salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: Hucitec.

MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento do Brasil* v.1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PRADO JUNIOR, Caio. *Evolução Política do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SALINAS, Adriana Vieira. Síndrome de John Wayne. O gestor, o discurso e a crise. 2003. 323p. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2003.

VIEIRA, Rogich. *O papel do tropeiro na integração cultural do Brasil*. In: FRIOLI, Adolfo et al.; Bonadio, Geraldo (Org.). *O tropeirismo e a integração geográfica e cultural do Brasil*. Sorocaba: Secretaria da Educação e Cultura: FAGED, 1999. p. 71 a 79.

## Glossário

**Arrieiro:** Pessoa responsável por arriar, selar, a tropa diariamente.

**Algibeira:** Nome dado ao bolso existente nas bruacas.

**Berrante:** Instrumento de sopro utilizado para conduzir os animais. É feito a partir da junção de chifres de bois, e seu som é referência na cultura tropeira.

**Bruacas:** Mala de couro e madeira, onde se carregava os mantimentos e materiais dos tropeiros

**Capataz:** Responsável por cuidar das fazendas, era o chefe dos peões.

**Carro-de-boi:** Estrutura de madeira, feita por tração animal (bois), que representava o principal meio de transporte de mercadorias. Os carros-de-boi representam um dos principais símbolos do tropeirismo.

**Comitiva:** Termo utilizado para designar todo o grupo que conduz o gado. Composto por peões, comissários, cozinheiro, etc.

**Condutor ou Comissário:** Também conhecido como o Tropeiro principal é aquele responsável por conduzir os animais

**Cocões:** Peça de madeira localizada acima do eixo da roda do carro-de-boi. Entre o cocão e o eixo, untava-se a madeira com azeite e o atrito proveniente do giro das rodas produz um som muito específico.

**Culatreiro:** Responsável pela retaguarda, fica no final.

**Gado:** Termo utilizado para designar o coletivo de bovinos. Algumas regiões referiam-se a gado como também para o coletivo de mulas.

**Madrinheiro:** Pessoa que coordena a “mula madrinha”, responsável por conduzir as demais.

**Muar:** Sinônimo de mula. “Os muares” é uma forma de expressar as mulas.

**Ponteiro:** Peão que ia à frente da boiada tocando o berrante para a condução dos animais.

**Peão:** Responsável por ajudar na condução dos animais.

**Pousos:** Os pousos eram locais escolhidos pelos tropeiros para passarem a noite. Durante as tropeadas (que muitas vezes levavam meses) as comitivas se organizavam para chegarem nos pousos no trajeto no horário apropriado.

**Tropeada:** Termo utilizado para designar determinada jornada tropeira; uma viagem específica.

---

É importante salientar que as definições expressas nessas seções variam muito de acordo com as regiões e com o tempo em que o tropeirismo se manifestou.

## Bibliografia identificada

- ALMEIDA, Aluísio. *O tropeirismo e a feira de Sorocaba*. São Paulo: Luzes, 1968.
- ALMEIDA, Aluísio. *Vida e morte do tropeiro*. São Paulo: Editora Martins, 1971.
- ANDREONI, João Antonio (Antonil). *Cultura e Opulência do Brasil*. São Paulo: Companhia e Editora Nacional, 1967.
- ARANTES, Aimoré Índio do Brasil. In: RODRIGUES, Eleusa Maria Silveira; MADEIRA, Jussara Lisboa; SANTOS, Lucila Maria Sgarbi; BARROSO, Vera Lucia Maciel (Org.). *Bom Jesus e o tropeirismo no Cone Sul*. Porto Alegre: EST, 2000.
- BARROSO, Vera Lucia Maciel. In: SANTOS, Lucila Maria Sgarbi; BARROSO, Vera Lúcia Maciel (Org.). *Bom Jesus na rota do tropeirismo no Cone Sul*. Porto Alegre: EST, 2004.
- BICALHO, M. F. e FERLINI, V.L.A. *Modos de governar: idéias e praticas políticas no império Português – séculos XVI- XIX*. São Paulo: Alameda, 2005.
- BONADIO, Geraldo. In: FRIOLI, Adolfo; BONADIO, Geraldo (Org.). *O tropeirismo e a integração geográfica e cultural do Brasil*. Sorocaba: Secretaria da Educação e Cultura: FAGED, 1999. p. 91-99.
- CALDEIRA, Jorge. *A nação mercantilista*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- ELLIS JR., Alfredo. O ciclo do luar. *Revista de História*. São Paulo: USP, ano 1, jan./mar. 1950.
- FELIPAK, Francisco. *Tropeirismo Platino-peruano & platino Brasileiro*. Curitiba: Juruá, 2008.
- FLORES, Moacyr. In: Santos, Lucila Maria Sgarbi; BARROSO, Vera Lúcia Maciel (Org.). *Bom Jesus na rota do tropeirismo no Cone Sul*. Porto Alegre: EST, 2004. p. 458-467.
- FRAGOSO, João. *O antigo regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FRAGOSO, João Luís R. 1992. *Homens de Grossa Aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790 – 1830)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional
- FRAGOSO, João; FLORENTINO, Manolo. *O arcaísmo como projeto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na sociedade escravocrata*. São Paulo: Kairós Livraria Editora, 1983.
- FURTADO, J. F. *Homens de negócio – A interiorização da metrópole e do comércio nas minas setecentistas*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- HOLANDA, Sérgio B. de. *Historia Geral da Civilização Brasileira. I. A Época Colonial-Administração, Economia, Sociedade*. São Paulo: Difel, 1985.

- LIMA, Oliveira. D. *João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2006.
- MACEDO, Francisco Riopardense de. In: SANTOS, Lucila Maria Sgarbi (Org.). *Bom Jesus e o tropeirismo no Brasil Meridional*. Porto Alegre: EST, 1995. p. 22 a 26.
- MATTOS, Mario. In: FRIOLI, Adolfo; BONADIO, Geraldo (Org.). *O tropeirismo e a integração geográfica e cultural do Brasil*. Sorocaba: Secretaria da Educação e Cultura: FAGED, 1999, p. 25-36.
- MAXWELL, Kenneth R. *A devassa da devassa: a Inconfidência Mineira Brasil-Portugal -1750-1808*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- MIRANDA, Juan Garcia. In: SANTOS, Lucila Maria Sgarbi; BARROSO, Vera Lúcia Maciel (Org.). *Bom Jesus na rota do tropeirismo no Cone Sul*. Porto Alegre: EST, 2004. p. 74-101.
- MORAES, Aldair Goeten. In: SANTOS, Lucila Maria Sgarbi; BARROSO, Vera Lúcia Maciel (Org.). *Bom Jesus na rota do tropeirismo no Cone Sul*. Porto Alegre: EST, 2004. p. 422-424.
- OGBOR, John O. Mythicizing and reification in entrepreneurial discourse: ideology-critique of entrepreneurial studies. *Journal of Management Studies* 37:5, July 2000. p. 605-635.
- OLIVEIRA, Sérgio Coelho de. In: SANTOS, Lucila Maria Sgarbi; BARROSO, Vera Lúcia Maciel (Org.). *Bom Jesus na rota do tropeirismo no Cone Sul*. Porto Alegre: EST, 2004. p. 355-360.
- OLIVEIRA, Sérgio Coelho. In: FRIOLI, Adolfo; BONADIO, Geraldo (Org.). *O tropeirismo e a integração geográfica e cultural do Brasil*. Sorocaba: Secretaria da Educação e Cultura: FAGED, 1999. p. 51-64.
- PETRONE, M. T. *S.O barão de Iguape – um empresário da época da independência*. São Paulo: Companhia e Editora Nacional, 1976.
- POHL, Johann Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil (1817-1821)*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- PUNTSCHART, William. *Os negociantes de Grosso Trato no Brasil Colonial – 1808-1822*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP, 1992.
- RAMOS, H de C. *Tropas e Boiadas*. Goiânia: Livraria e Ed. Cultura Goiana, 1984.
- ROCHA, Teresa. In: SANTOS, Lucila Maria Sgarbi; BARROSO, Vera Lúcia Maciel (Org.). *Bom Jesus na rota do tropeirismo no Cone Sul*. Porto Alegre: EST, 2004. p. 215-224.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem à Província de Goiás*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- SALVADOR, Frei Vicente do. *Historia do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1931.
- SIMONSEN, Roberto C. *Historia Econômica do Brasil (1500-1820)*. São Paulo: Ed. Nacional; 1978.
- SOUZA, E.C. Boiadeiro. In: *Tipos e Aspectos do Brasil*. 10ª ed, Rio de Janeiro: Departamento de documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1975. pg 456.

SOUZA, Laura de Melo e. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

SOUZA, Laura de Mello e. *O sol e a sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

STRAFORINI, Rafael. *No caminho das tropas*. Sorocaba: TCM, 2001.

SZMRECSÁNYI, Tamás; LAPA, José Roberto do Amaral. *História Econômica da Independência e do Império*. IMESP, 2002

VELHO, A. P. SANTOS, J. H. K. SANTOS, L. M. S. e FAVERO, M de F. *Tropeirismo*. Porto Alegre, Corag, 2008.

ZIMMERNANN, Florisbela Carneiro. *Biribas: a contribuição do tropeiro à formação histórico cultural do Planalto Médio Sul-rio-grandense*. Sorocaba: Fundação Ubaldino do Amaral, 1991.